

203 de S. Antonio



Revista mensal
ilustrada

Abençoada por S. S. Leão
XIII. Pelo Exc.^{mo} Ordinário e
varios Prelados.

SETEMBRO DE 1903

5.^a Serie — 9.^o Anno

N.^o 9

Redacção e administração

BRAGA

SUMMARIO

Um grande mal.

I PARTE — **Secção doutrinal:** O frade estrangeiro. — S. Francisco de Assis. — Espirito de silencio, indulgencias.

II PARTE — **Secção historica:** Mosteiro da Madre de Deus em Aveiro. — Pensamentos e anedotas.

III PARTE — **Leituras amenas:** Se eu tivesse mãe.

IV PARTE — **Culto de S. Antonio:** O Pão de S. Antonio em Porto Alegre (Brazil). — Braga. — Guimarães. — Barcellos. — Horta (Ilha do Fayal). — Ouro Preto (Brazil) etc.

V PARTE — **Secção scientifico-litteraria:** Esthetica christã. — Ao missionario Padre Alberto Teixeira (poesia). — Bibliographia. — As nossas illustrações.

IV PARTE — **Chronica universal:** Portugal, Roma, Allemanha, Inglaterra, Hespanha.

Gravuras: S. Francisco d'Assis recebendo as chagas no monte Alverne. — S. Izabel de Portugal. — S. S. Pio x e os cardeaes do Sacro Collegio. — Margarida Sanson (mãe de Pio x). — Casa onde nasceu Pio x. — Cardeal Luiz Oreglia. — Ponte de D. Luiz I no Porto.

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO: — *Luita-luso-galinacea de um general com um deputado.* — *Combes e os seus.* — *Demencias de furor jacobino.* — *receita de agua benta.* — *viagem á Turquia.* — *Por cá.* — *Catholicos protestantes em politica ás contas com S. Pedro ao gradão do céu.*

Ha uma obra nacional a fazer que devia ser muito interessante e picaresca; a *historia dos duelos portuguezes, suas causas e consequencias*. Se algum letrado se lembrar de a confeccionar não esqueça o duelo ultimo do Snr. B. general e par do reino, creio eu, e do snr. P. dos S. deputado da nação. Omittimos nomes porque só queremos pôr mãos nos erros.

A este duelo, como a quasi todos os duelos nacionaes, chamo eu *luitas luso-galinaceas*, desavenças de galos. O frango amarelo côr de canario, de crista rubra como de Perú e calçado, com um tenôr de metter invejas em todos os poeiros da vizinhança, conquistou as sympathias da galinha pedrés de poupa e não ha meio de os separar. Um galo velho, compadre desde a primeira postura da dita comadre infiel, leva-se de ciumes, salta-me em cima do moço atrevido, este vira-se-me ao velho e ahi temos nós o duelo. Picam, saltam, esvoaçam; a comadre galinha põe-se ao longe a olhar para aquillo, a servir de testemunha, e passados poucos minutos em escorrendo sangue pelas cristas, apartam-se e ao outro dia cantam de madrugada ao desafio e acompanham o rancho galinaceo nas suas excursões *agro granarias* amigavelmente.

Tal foi a *luita luso-galinacea* dos ditos senhores deputado e general.

O *Dia*, jornal do snr. Alpoim, picado pela politica opposicionista, chamou-lhe infimo entremês, superlativo contraposto justamente á comedia, epitheto arremessado á sua. O snr. general B. sente-se ferido na sua honra politica, ou segundo a opinião probabilissima, sentiu grande comichão na antipathia que nutre pelo snr. Alpoim e publica na imprensa umas coisas injuriosas contra o seu adversario. As testemunhas do snr. Alpoim sentem-se feridas na sua honra illibada, nunca maculada por pecha politica nem de costa alguma; ha provocações; augmentam e não ha remedio senão lavar a honra politica dos ditos senhores.

No dia 28 do mês passado, abalaram para Bemfica, affim de se bifarem ás pesquisas da policia que por mandado do snr. Pimentel Pinto andava na sua pista, e lá se engalfinharam um

no outro por alguns minutos; espadeirada d'aqui, espadeirada d'acolá, o general faz que mata, o deputado apara o golpe fulminante e continuam cortando ar e sombra de carne parlamentar e personalidade politica, até que por descuido o deputado passou a espada mais rente ao braço do seu adversario e com grande espanto viu correr sangue. O snr. general foi em continente dado por impossibilitado e posto fóra de combate, esbravejando sempre, segundo o ritual do duelista, e depois de amansar pediu reconciliação com o seu inimigo. Não sabemos em que hospital foi curado nem se está melhor ou se escapará do golpe que o tornou *impossibilitado* de combater. Os jornaes mais fariscaadores não falaram em melhoras, deram-no por *impossibilitado* e nada mais.

Ora o que se ha-de chamar a uma briga d'estas senão *luita luso-galinacea*.

Mas o mais curioso foi que os *reporters* dos jornaes contavam que os dois politicos se mettessem a mar alto e por lá ficassem mergulhado até aos cabellos por longos meses para lavarem a honra politica e afinal viram-se obrigados a noticiar que o snr. general lavara a sua honra com uma feridasinha n'um braço e o snr. deputado com uma leve escoriação; e concluíram os grandes melros que, *ergo* o snr. general tinha mais que lavar.

Mas o que não concluíram foi que apesar do duelo não passar de briga de creanças, foi um crime moral, e civil, contra a consciencia e contra as leis nacionaes. E o que não noticiaram por mais que eu esperasse a noticia, foi que os ditos duelistas por terem infringido o art. 384 e 385 § 1.º — tinham dado entrada na cadeia, e sido deshonorados das repectivas dignidades, visto serem homens publicos, como manda o art. 388 do mesmo codigo penal.

Mas os *reporters* não deram a noticia porque o Sr Pimentel Pinto tão zeloso de vespera para evitar o fracasso, fez moita e passou sobre a lei do codigo.

O furor jacobino dos filhos da viuva, para lhe não chamar filhos do... *bixo*, como dizem os meus vizinhos, tem tocado os limites da crueldade, até chegar ao ridiculo.

Ha dias uma enfermeira de certo hospital secularizado procurava esbafurada o Director com um papel na mão. Bate á porta do quarto, descomposta e furiosa.

— Abra, com seiscentos! Que demonio a traz aqui a estas horas, com tantas pressas!?

— Veja S. Director: uma infração medica contra a liberdade de consciencia!

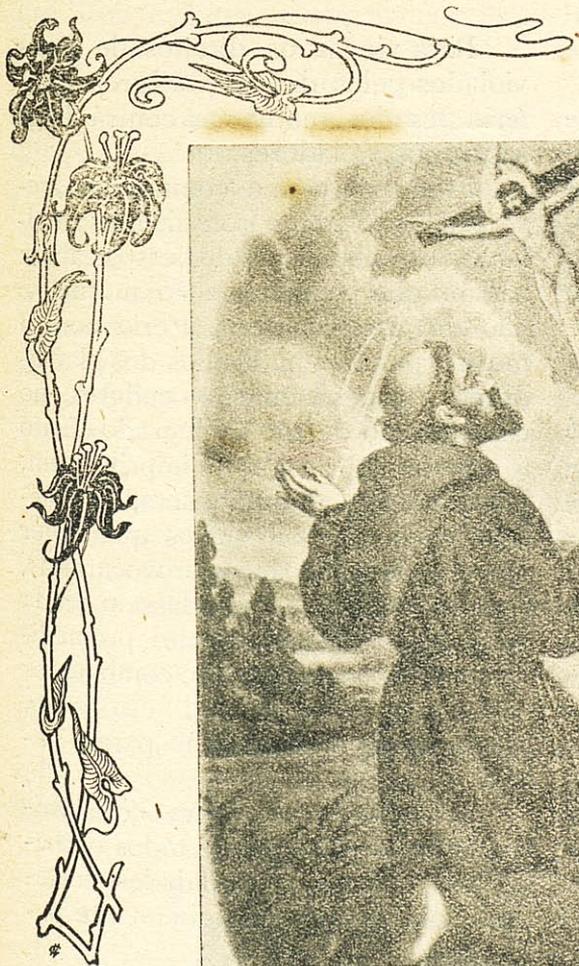
E mostrava-lhe uma receita,

Voz de S. Antonio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — BRAGA

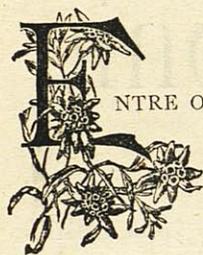
Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos



S. Francisco de Assis recebendo as Chagas

UM MAL GRAVE



ENTRE OS muitos males Moraes que corroem a nossa sociedade portugueza ha um, a que podiamos chamar burocratico, pela classe em que predomina e cuja gravidade moral e civil não é comprehendida, ou advertida pelos criminosos.

E' o duello.

Apesar de ser um attentado contra a lei natural, ecclesiastica, moral e civil, o duello foi nas epochas passadas e maximamente na idade media, o modo *nobre e official da nobreza* se vingar mutuamente das offensas ao seu pondonôr. As leis severas dos governos fizeram comprehender a esta classe que uma vingança, seja qual fôr o pretexto de que se revista, nunca é honrosa e felizmente é hoje raro bater-se a nobreza em duello. A burocracia porém, onde a honra não é herdada com o sangue, é que se não desafez do vicio completamente. Se o mal continua a lavar, sem que os governos cuidem de o desarraigal, chegaremos aos tempos de que dizia o bispo de Rodez — que vertiam mais sangue os cidadãos entre si por suas mãos, que nas batalhas; e Montaigne fallando dos seus patricios: *collocae dois francezes no deserto da Lybia e vereis que não estarão um mez sem se baterem.*

E não obstante o direito natural clama contra os duellistas.

O homem não pode dispôr da vida nem do corpo, como da sua fazenda. Matar-se, consentir que o matem; mutilar-se, derramar o proprio sangue,

consentir n'isso, é usurpar os direitos de Deus, senhor unico da nossa vida e do nosso corpo. E não conculca estes direitos divinos o duellista consentindo na sua morte ou ferimento grave?

O suicidio e o homicidio quem não sabe que são dois crimes condemnados pela lei natural? E não é suicida o duellista entregando a sorte da sua vida nas mãos do seu adversario? E não é homicida armando-se contra a vida do proximo?

Para vingar os direitos de Deus violados pelos duellistas a Igreja proferiu pesados anathemas contra estes sacrilegos violadores.

Fulminou com excommunhão, reservada ao Summo Pontifice, os duellistas, sem distincção de pessoas, ainda mesmo que por convenção mutua se não chegassem a ferir. Feriu com a mesma pena os padrinhos dos gladiadores, e quaesquer provocadores, no caso mesmo de não ter logrado effeito a provocação; os que imprimissem, publicassem, annunciassem, affixassem annuncios ou outros quaesquer generos de publicações provocatorias, e os que taes actos mandassem, ainda que não sortissem o effeito premeditado; os expectadores do combate, os que o permittem, podendo estorval-o, os que emprestam terreno para a peleja.

Se os duellistas fossem ecclesiasticos ficavam privados de todos os beneficios, officios e dignidades ecclesiasticas e inabeis perpetuamente para elles.

A Igreja fecha a nomenclatura dos seus anathemas negando sepultura religiosa aos criminosos que morrerem no duello ou pouco depois, declarando-os perpetuamente infamados perante a sociedade religiosa.

Não nos espantarão estes rigores, se nos lembrarmos que em tempos que não vão muito longe o duello era punido na Suecia eom pena de morte, na França com sequestro, perda de todas as honras e pena de morte; e Luiz XIV deu a sua palavra de rei que não perdoaria aos delinquentes. No nosso reino era punido com sequestro e degredo para Africa. E o actual codigo penal do reino prescreve penas contra os duellistas, contra os seus provocadores, contra os que lhe derem com injurias proferidas contra alguém causa verdadeira, contra os padrinhos, e manda que sejam demittidos de seus respectivos cargos e dignidades os homens publicos que acceitarem o duello.

O duello é pois não um mero crime civil, mas um crime moral, um delicto de consciencia, que o pretendido *ponto de honra*, tão posto em campo hoje—porque tão raro é—não justifica.

—A honra, disse Aristoteles, é filha da virtude.

Fruto dos nossos bons costumes, do nosso character,—a honra é nossa, nenhum d-tractor no-la rouba, enquanto nos não roubar a arvore—a virtude.—

Para que puxar pois de uma espada para conquista-la, senão ha ladroes de honras?

Mas uma affronta, uma injuria não se ha de vingar?

Não. A vingança foi sempre um crime, e para remediar um mal não é licito commetter outro.

Se a vossa honra consistisse na opinião dos homens, no que de vós se diz—e estas são as honras modernas—e não no merito, nem ainda este simulacro da honra verdadeira se-

ria lavado, quando machucado pela bocca suja do calumniador, com o sangue do duello.

Uma nodoa não se lava com tinta; um crime não se remedeia com um delicto e o duello é um grave delicto. Se o duellista matar o seu adversario, não ficará marcado para sempre, perante as pessoas de bem, com o injurioso ferrete do homicida? E se ficar vencido na refrega, não será tido por todos por um cobarde que desafiou para ser vencido? Demais: fica sempre castigado o calumniador? Cede sempre a victoria por parte do innocente? Não é certo que o resultado final provém da destreza individual, da torça, das circumstancias, do acaso? E é por este meio que quereis lavar a pretendida mancha da honra?

Sem duvida, ha calumnias graves que exigem castigo; a bocca immunda do calumniador não ha-de dizer o que quizer; mas a quem pertence puni-la? A quem pertence penitenciar os culpados? Não é á auctoridade legitima? E' por ventura licito a um cidadão assumir os direitos de juiz contra um seu inimigo? Consente por ventura um pae que seus filhos castiguem os seus irmãos? Porque principio ha-de o duellista arrogar-se o direito de punir o seu proximo? Como salvar a paz da sociedade se aos cidadãos particulares taes direitos se outorgassem?

Sim os principios sociaes acabam de conculcar o duello.

Não chameis pois ao duello *tribunal da justiça*, mas local da audacia, da casualidade—da força bruta.—

Não o appelleis *campo da honra*, mas do crime.

Não digaes que o duellista é um

homem honrado; acoimai-o de criminoso.

«O homem honrado, como disse o sabio, foge das contendias;» vingase do calumniador desprezando-o, da calumnia esquecendo-a. E quando esta infama a sua familia pede á auctoridade competente o castigo; e quando lhe escaceiam os meios para o recurso lembra-se do catecismo; e *soffre a injuria pelo amor de Deus.*

Secção doutrinal

O frade estrangeiro

COMEÇAMOS hoje a publicar uma momentosa conferencia do eminente escriptor catholico brasileiro, DR. CARLOS DE LAET, pronunciada em maio ultimo no Circulo Catholico do Rio de Janeiro. Impelle-nos a isso a actualidade do assumpto sobre tudo e o desejo de prestar homenagem á eloquencia persuasiva e arrebatadora do talentoso litterato catholico.

Depois de um pequeno exordio em que o orador se apresenta á assembleia, entra no assumpto directamente.

Conhecer bem toda a doutrina christã, em suas particularidades historicas, dogmaticas, disciplinares, liturgicas, não é realmente cousa facil. Volumosos são os tratados, os dictionarios, as dissertações de assumpto religioso, e não bastaria a vida de um centenário para percorrer, quanto mais estudar, tantos e tão extensos livros... Mas saber o necessario para a salvação é facilissimo. Toda a materia essencial para isso cabe em um desses livrinhos que denominamos catecismos. Eu aprendi primeiro com meus paes, e mais tarde no Collegio de Pedro II com o professor de religião, monsenhor Felix, de saudosa memoria, em um voluminho que tem por titulo: — *Catecismo da doutrina christã para o uso da Associação Catholica no Rio de Janeiro, da qual é protector o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Bispo Conde Capellão mór.*

Senhores, é singular: este livrinho conta apenas 105 paginas, ou antes umas 80, deduzidas 25 que são occupadas por varias orações; e, comtudo, não se me têm deparado difficuldades na vida ou como christão ou como cidadão, não tenho encontrado problema cuja solução não se me offereça n'estas paginas!

Todos os deveres para com os meus superiores, desde NOSSO PAE e SUPREMO SENHOR até ao meu semelhante, de direito ou de facto constituido em auctoridade na escala social; todos os deveres para com os meus inferiores; todas as regras de conducta; todos os preceitos e ensinamentos ali se acham claros, renunciados em linguagem que uma criança facilmente comprehende. Não estranheis, portanto, que d'este precioso livrinho eu desentranhe umas ideias, que são as minhas, como devem ser as vossas. E' aqui, á pagina 46, onde se explica o 9.º artigo do Symbolo dos Apostolos, e se trata dos — *caracteres da Igreja.* Estes são quatro, diz o catecismo: uma, santa, catholica e apostolica. Porque dizeis que a Igreja é catholica? pergunta o catechista; e logo acode com a resposta: «Digo que a Igreja é catholica, isto é, universal, porque se estende a todos os tempos e a todos os logares» Nada mais senhores: porém está dito tudo. (*Approvações.*)

Sim, a todos os tempos, porque ella vem do primeiro homem, até nós, e de nós se estenderá aos que tem de ouvir o clangoroso pregão do juizo final. Sim, a todos os logares, porque, pela vastidão do orbe, innumerous povos conhecem a JESUS CHRISTO e aprenderam a adoral-o na Hostia consagrada.

Catholica, isto é, *universal*, diz o catecismo, e disse bem, porque na sua transparente etymologia o vocabulo, de origem grega, proclama a generalidade, a totalidade, a universalidade das nossas crenças. Não ha um catholicismo francez, belga, allemão ou brasileiro: mas todo catholico, no que se refere á religião, sente se irmão do outro homem que com elle communga no mesmo credo.

Taes eram, senhores, as minhas ideias, quando subito errompeu o clamor de que tendes noticia, e que á porta de um velho mosteiro ia buscar *monges estrangeiros* para deportal-os, ou talvez, para justical-os como malfeitores; e então entrei a perguntar commigo mesmo: — Porque e para que tamanho alarido? São catholicos os que isso fazem? Se não são, porque se ingerem nas questões do catholicismo? Que se lhes dá do governo de uma abbadia, a elles, que não pertencem á nossa Igreja? (*Approvações*) E, por outro lado, se são catholicos, como é que tão feiamente desconhecem a sua doutrina? Como é que fazem questão de nacionalidade no que é essencialmente universal?

Em um dos *meetings* a parte do qual assistiporque o espectáculo de uma multidão conturbada, comquanto doloroso, é sempre interessante para um espirito observador — certo orador vozeava que era preciso fundar o *catholicismo brasileiro*. Uma *universalidade parcial* — teria dito melhor. No dia em que a tivesse creado, apenas houvera engendrado um scisma. Senhores, ou o catecismo está errado, ou esse orador não aprendeu o catecismo! (*Riso.*)

Longamente meditei sobre todas estas contradicções, e procurei explical-as. Em frente de um erro ou de um crime, apraz-me indagar da genese do delicto ou do absurdo. Isto ensina o ser tolerante. Tratei, pois, de applicar o meu methodo ao caso de pathologia social que se me antolhava, e então cheguei a concluir que, catholicos muito embora, esses homens eram victimas de uma

obsessão patriótica. Fanáticos pelo nosso paiz — imaginei para desculpa-os, e tambem era a sua unica desculpa — elles revolveram os annaes da nossa terra e lá, talvez, encontraram a historia de *frades estrangeiros* oppressores, inimigos do Brazil e sobre cuja memoria peze o anathema dos seculos... Perfeitamente! — disse commigo mesmo: vamos á historia! Precisamos de um banho lustral de historia! E ali está, senhores, porque, enquanto as turbas se agitavam nas ruas, eu, no fundo da minha modesta bibliotheca, desgostoso, assombrado, enojado do presente, consultava os nossos velhos historiadores, pedindo-lhes lições que, accusando o *frade estrangeiro*, excusassem o desvario dos seus inimigos.

E os livros, senhores, responderam-me calmamente.

O primeiro *frade estrangeiro* que se me apresentou foi frei Henrique de Coimbra. Vós bem o conheceis e, quando quereis vel o, basta-vos ir á praça da Gloria, onde está o monumento de Pedro Alvares Cabral. Lá se acha tambem o illustre franciscano que disse a primeira missa no Brazil. Na *Historia Seraphica*, de Fernando da Soledade (Lisboa, 1705, tomo 3.º paginas 489), li que foi homem de merecimento: «Frei Henrique de Coimbra, homem de não vulgar talento e espirito. Tinha largado a toga de desembargador da Casa da Supplicação em Lisboa pelas asperezas do nosso instituto, que abraçou no convento de Alemquer, onde foi noviço com tanto fervor que logo deu indicios claros de suas virtudes eminentes»

Que este frade não merece os desdems nem os odios da actualidade, bem se demonstra pelo facto de o haver a republica fundido em bronze. (*Riso*). Dir-me-eis que não era propriamente um estrangeiro, porque então tudo era portuguez: e eu vos respondo que não. Muitos dos assistentes da primeira missa eram brazileiros natos, e posso dizer que mesmo jacobinos, porque não hesitavam em proceder ás mais summarias e rapidas execuções. (*Riso*).

N'este ponto occorre-me, senhores, tirar ensinamento de duas circumstancias, para as quaes chamo a vossa illustrada atençaõ. Porque, de tantos frades que depois se illustraram na catechese e no desbravamento moral do Brazil, só este, comquanto estrangeiro, tem merecido as honras do bronze estatuario? Quer parecer-me, senhores, que foi por se ter apenas contentado com dizer a sua missa, prégar o seu sermão e voltar para a sua casa (*Riso*). Já n'aquelle tempo optimamente se dava o mundo com esse genero manso de frades. Os maus são os catechistas, os missionarios, ou de bugres ou de homens que se suppõem civilisados. O frade ou padre que se limita ás funcões puramente cultuaes, não tem inimigos: sabem que elle é inoffensivo... Mas se nas suas prégações elle ataca, qual João Baptista, os vicios e torpezas de um Herodes: se, como S. Pauló, proclama, perante a Roma dos Cesares, a «sublime loucura da Cruz»; se o frade lança mão da imprensa, como, segundo já disse alguem, certamente faria o Apostolo das Gentes, dado que vivera em nossos dias—oh! então o frade, longe de ser perpetuado em effigie, corre o perigo de ser lapidado vivo! (*Applausos*).

A outra observação que vos queria fazer, senhores, é sobre aquelles nossos patricios, brazilei-

ros natos, que, com gestos adequados, acompanhavam a cerimonia da primeira missa, dando muitos signaes de compunção. Todos os chronistas que narram o facto mostram-se abalados, inclinándose a n'isto ver patentes mostras de predisposição para as cousas celestiaes... Mas não nos enganemos, senhores Annos depois os filhos d'esses selvagens, ou talvez mesmo alguns d'elles, matavam e devoravam o primeiro Bispo do Brazil. E parece que entre nós tem descendentes e imitadores. Ainda os ha, caboclos d'essa feição, que vão á egreja, que para os jornaes fazem artigos dizendo se catholicos — e que, todavia, não trepidam, como os soldados no drama da Crucifixão, em rasgar a tunica da Egreja e repartil a consoante ás suas cobiças. Felizmente, senhores, ella é inconculta, — inconsulta e indilaceravel!

Deixemos, porém, absolvido da pécha de inimigo de nossa patria o illustre *frade estrangeiro* que celebrou a primeira missa no Brazil, e, n'esta rapida excursão, pois não pequeno é o caminho que temos de percorrer, já lobrigamos o vulto de um jesuita—e que jesuita, senhores! Chamava-se José de Anchieta!

Este, sim, é bem *estrangeiro*: estrangeiro para nós, porque nasceu fóra do Brazil; estrangeiro para nossos antepassados, os portuguezes, porque era hespanhol.

José de Anchieta veio ao mundo, como não ignoraes, na cidade de Laeuna, antiga capital do archipelago das Canarias, situada na ilha de Tenerife, onde se eleva o famoso pico de Teyde.

Nascido no dia de S. José, aos 19 de março de 1534, exactamente o anno em que D. João III completava os lineamentos do seu projecto de povoamento do Brazil, segundo o plano das capitaniaes hereditarias, Anchieta foi recebido pelos jesuitas, na sua casa de Coimbra, no dia 1 de maio de 1551. Causa extraordinaria para os nossos tempos! Os portuguezes de então não faziam, em religião a menor differença entre religiosos nacionaes e estrangeiros! O novo filho de S. Ignacio foi tão bem recebido como se tivera visto a primeira luz em terras de Portugal; e o provincial Simão Rodrigues não oppoz o menor embaraço a que, de mistura com outros religiosos, viesse o joven Anchieta trabalhar no Brazil, quando para cá foi despachado Duarte da Costa, segundo governador.

Senhores, sei que fallo a pessoas assaz lidas na historia patria para que julgue necessario, já não direi uma narraçãõ desenvolvida, porque esta demandaria longas horas, mas um esboço siquer dos trabalhos de Anchieta em nosso paiz. Elle foi visto onde quer que o exigiam os interesses da religião e do nascente Brazil. Catechizou o selvagem e, pela palavra e com o exemplo, saneou a moralidade dos primeiros habitadores. Foi o elo de paz, foi o iris da alliança entre o colono avido, lascivo, deshumano, e o silvicola suspeitoso, traiçoeiro e feroz.

Este *frade estrangeiro*, tendo começado o seu serviço de catechese na Bahia, passou-se á capitania de S. Vicente, onde, a 25 de janeiro de 1554, se dizia, em uma *pauperrima e estreitissima casinha*, a missa commemorativa da conversão de S. Paulo. Foi este o berço do collegio, da cidade e da capitania de S. Paulo, depois provincia, hoje

estado do mesmo nome, e, certamente, uma das regiões mais prosperas do nosso Brazil.

De como ahi viviam Anchieta e outros *frades estrangeiros* dão testemunho ás memorias coetaneas. Um casebre feito de paos e barro, coberto de sapê, servia ao mesmo tempo de escola, de enfermaria, de refeitório, de cozinha e de dispensa. Em poucas e singelas palavras, não dirigidas á posteridade, á qual, de certo, jámais imaginou que lograssem chegar, Anchieta nos dá uma ideia de tamanhas penurias. «Em taes estreitezas nos achamos em verdade collocados (escreveu elle) que é muitas vezes necessario aos irmãos explicarem a lição de grammatica no campo; e como ordinariamente o fíio nos incommoda da parte de fóra, e dentro de casa o fumo, preferimos soffrer o incommodo do frio de fóra do que o do fumo de dentro.» Que opulencia, senhores, a d'esses religiosos *estrangeiros*!

E como a toleravam? Longe de com tal pauperie anoiar-se, d'ella dizia Anchieta: «Não invejamos os espaçosos aposentos de que em outras partes gozam os nossos irmãos, pois Nosso Senhor JESUS CRISTO se collocou em mais estreito logar, e dignou-se nascer em pobre mangedoura, entre dous brutos animaes, e morrer em altissima cruz por nós». (Carta inserta nos «Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro» vol. 1.)

Accrescia á pobreza o excesso de trabalho: «Muitas vezes, conta o missionario,—para acudir a baptisar ou confessar um escravo de um portuez, se andam seis ou sete leguas a pé, e ás vezes sem comer...» (Informações e fragmentos historicos do padre José de Anchieta, Rio, 1886, pag. 20.)

Não ha quem não tenha ouvido fallar na confederação dos Tamoyos, facto importantissimo da nossa quadra colonial, e do qual fez uma epopêa o genio de Gonçalves de Magalhães, visconde de Aragoaya. Aos francezes, que tentavam estabelecer-se n'esta nossa bahia de Guanabara, colligaram-se os Tamoyos. Conciliados pela habilidade do recente invasor, os indigenas constituíam um perigo formidavel para os portuguezes. De uma e de outra parte faziam-se temerosos aprestos. O sangue humano ia correr a jorros. Ora, foi n'estas conjuncturas que o *frade estrangeiro* José de Anchieta se offereceu para desarmar com a palavra o indio offendido e vingativo. Southey, o historiadador insuspeito, porque era protestante, opina que «de mais perigosa embaixada nunca ninguem se encarregara.»

Anchieta parte em um navio do genovez Francisco Adorno. Veleja para Ubatuba, que n'aquelle tempo se dizia Iperoig. Quando o barco se aproximava da costa, estava ella coalhada de gente feroz e embravecida... Parecia um *meeting*! (Riso). Tomam os indios canoas e dispõem-se a aggreddir o navio de Anchieta. O *frade estrangeiro* aparta-se dos seus e apresenta-se sósinho. Como arma unica, eleva bem alto o Crucifixo, a imagem do sacrificio resignado, ensinando aos homens todas as resignações no sacrificio. Diante d'esse homem, tão sereno em sua fraqueza corporea, hesitam as coleras mais impetuosas. Consente-se em ouvir-o, o que já era meia victoria para a causa da boa razão. Ouvem-n'o. Celebra-se o armistício. Confiado na lealdade d'aquelles filhos da natureza, o padre deixa-se levar por elles, e entre elles permanece

como refem. Tamanha coragem subjuga, conquista a admiração dos bravos; tamanha doçura angaria a afeição dos mais desconfiados. Celebra se, finalmente o pacto... Estava salva a incipiente America portugueza. Para tal fim, em nossos dias, ter-se-ia mandado um diplomata, ou peor ainda um general com seus soldados—e o sangue houvera corrido. Então mandou se um relegioso e tudo pacificou. Confessae, senhores, que este *frade estrangeiro* não pouco fez pela causa de Portugal e do Brazil! (*Applausos.*)

Não foi tudo. Quem hoje passa pela praia de Santa Luzia vê um edificio notavel, o Hospital da Santa Casa de Misericordia. Quaes os primordios da instituição que hoje alli tem o seu principal estabelecimento, nos refere, no seu *Sanctuario Mariano*, Frei Agostinho de Santa Maria. São poucas linhas, permitti que vol as cite: «Pelos annos de 1532 (diz o chronista) se entende teve principio a Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, ou poucos annos antes: porque neste anno chegou áquelle porto uma armada de Castella, de que era general Diogo Flores Baldez. Com os temporaes padeceu esta armada muito, porque lhe adoeceu muita gente. Achava se n'aquelle cidade o veneravel padre José de Anchieta, visitando o collegio que alli teve a companhia, fundado no anno de 1567. E como o veneravel padre José de Anchieta era varão santo, levado da caridade, tomou muito por sua conta a cura e o remedio de todos aquelles enfermos, dando traça como se lhes assignasse uma casa, em que pudessem ser curados todos e assistidos—entendendo muitos que então tivera principio a Casa da Santa Misericordia, que hoje é nobilissima» (Op. cit., vol. x.)

Em Irritiba, que depois foi Benevente, e hoje tem o nome de Anchieta, falleceu este religioso estrangeiro a 9 de junho de 1597. Ha sete annos, em 1896, fizeram-se em S. Paulo preparativos para uma brilhante festa de tricentenario. Celebraram-se bellissimas conferencias, em que luziram estremados engenhos... Mas a festa não teve, valha a verdade, o esplendor que fóra de esperar. Sobre o tumulto do Santo catechista esparziram-se aquellas flores litterarias, e foi tudo. As grandes procições civicas, as apotheeses entusiasticas e estrondosas, minha patria hoje as reserva, não para os que consolam, mas para os que encarceram, não para os que doutrinam, mas para os que fuzilam e degollam.



SANTO PROTECTOR PARA O MEZ DE OUTUBRO

S. Francisco de Assis. — Não cabê em duas paginas de uma revista o resumo da vida d'este prodigioso santo, d'este intelligente reformador da sociedade, nem era para a minha tão alta missão.

A nota mais caracteristica da sua vida é a similhaça com Christo Jesus.

Ouvi o auctor do LIVRO DOS TERCEIROS fallando a este respeito:

Quem foi Francisco de Assis? Interrogae o mundo christão, o mundo protestante, o mundo atheu, o mundo scientifico e elles vos respondem:

O SERAPHIM DE ASSIS, O CHRISTO DO ALVERNE, O SALVADOR DO SEculo XIII, O REGENERADOR DA SOCIEDADE.

Estes nobres epitetos que os historiographos de todas as creanças tem exarado nas paginas da historia, representam o esforço intellectual d'essas grandes individualidades scientificas, para exprimir a sua sympathia e admiração pelo POBREZINHO DE ASSIS.

Nenhum d'esses apelidos, porém, nos diz o que foi o nosso glorioso Pae, melhor que o de CHRISTO DO ALVERNE.

Christo quiz retratar-se traço por traço em Francisco.

Um mendigo estranho annuncia a boa nova do seu nascimento pelas ruas de Assis clamando:

Paz e bem!... Paz e bem!... E mais tarde estende na rua a sua capa para que Francisco a pise. Aconselhada por este forasteiro, Pica, mãe de Francisco, deixa o seu palacio, e recolhe-se a uma estrebaria para poder reclinar sobre as palhas da mangedoura o precioso fructo de suas entranhas, que debaixo do seu teto não teria visto a luz do dia.

Era o seu precursor. Mais adiante, quando pensa em organisar a Ordem, reúne doze discipulos; de entre estes um que era o syndico enforca-se desesperado por motivos de cubica — Era o seu Judas. — Outro pela grande simplicidade de seu espirito, e candura de sua alma, mereceu de Francisco, o epitheto de ovelhinha de Deus, e uma predilecção especial — Foi o seu discipulo amado. — As multidões cercam no, seguem-no de cidade em cidade, precipitam-se com enthusiasmo a esperal-o á entrada das povoações, atropellam-se para lhe beijarem o habito, aclamando-o: *LÁ VEM O SANTO, LÁ VEM O SANTO*, — como outr'ora faziam ao Christo da Gallilea as turbas da Judea. — N'uma ilha deserta jejua quarenta dias alimentando-se com um pão e meio — Era o jejum do deserto. — Prefere a companhia dos humildes e dos peccadores, sem desdenhar os ricos e nobres, com quem algumas vezes a sua convite se banqueteia. — Era tudo para todos como o Filho de Deus. — A's tres ordens que fundou impõe como regra o Evangelho, preceituando lhes alguns conselhos d'este. Dois annos antes de morrer, Christo imprimiu as suas cinco chagas na sua carne.

Quatro grossos cravos, como de ferreo nervo, estorvam-lhe o movimento dos pés e mãos, e por dois longos annos atormentam no com dores indiziveis. Da chaga do lado corria-lhe continuamente o sangue. — Era a sua crucifixão. — Proximo á morte reúne á volta do leito os seus frades alli presentes, pede um pão, benze-o, parte-o, e divide-o pelos seus filhos, completando com este ultimo traço, em que symbolisou a instituição da Eucharistia, a imagem perfeita de Jesus.

Não são estes, os mesmos traços da vida de Jesus Christo? Despi ao Christo do Alverne, deitae-o no sepulchro com Jesus Christo, perguntaí depois a um estranho qual dos dois crucificados, é o do Gólgota, e a resposta será embarçada. Apenas a corôa de espinhos lh'o distinguirá porque era o rei do mundo e dos martyres e Francisco seu vassallo.

S. Francisco nasceu em 1182; fundou a Primeira Ordem em 1209; a Segunda em 1212; a Terceira em 1221; morreu em 1226.

VIRTUDE PARA IMITAR

Espirito de silencio—Christo disse um dia que haviamos de dar conta de uma palavra ociosa; que grande folha de delictos não levará para a eternidade uma lingua falladora?

As regras que apontamos ensinarão a diminuir-nos.

Não devemos fallar por inclinação, mero affecto natural, paixão, por simples distracção; — fallar por fallar. Isso é proprio das aves que cantam por cantar. O christão concentra-se em si mesmo, pensa em si, nos seus negocios do mundo e da eternidade e antes que se communique com o proximo pergunta a si proprio se lhe é necessario, porque bem sabe que talvez não tenha, para ganhar a eternidade mais que o tempo que vac occupar em conversação.

Obrigado a communicar-se com seus irmãos pesa o que diz e o modo.

Fallando de Deus, da sua Igreja e ministros do evangelho e coisas santas, não gracejará baixamente—As coisas santas devem tratar-se santamente.—

Sobre as verdades da religião, e outros assumptos sérios serão graves as suas palavras.— E' de creanças ou dementes não pesar a importancia e seriedade das coisas.—

Do proximo não falles se não tens bem que dizer d'elle. Não digas do ausente o que não dirias na sua presença. Elogia sempre o bem, desculpa o mal, se o não pôdes occultar, porque guardar a fama alheia é assegurar a nossa.

Nunca te sirvam de assumpto de conversa os crimes alheios por mais publicos que sejam; os nossos irmãos nunca incorreriam na infamia publica se as linguas falladoras não lhes espalhassem as fraquezas.

Guarda inviolavel segredo acerca dos negocios domesticos, da vida do teu lar, das relações de convivencia caseira entre os membros da tua familia, se queres que tua casa seja o recinto da paz e tenha bom nome.

Guarda a mesma reserva a teu respeito. Nada temos a ganhar com manifestar a outrem tudo o que somos. Os amigos mais intimos afrouxam de affectos e dedicação por conhecer em nós certos *quês* que imprudentemente lhes demos a conhecer. Amigos para com todos, intimos para com poucos; e a intimidade e franqueza não consiste em dizer tudo, mas em manifestar o que convenm.

Sabe guardar um segredo que te confiarem. A amigo nenhum o reveles, para que quando este te queira confiar outro possa fiar-se na tua lingua e esteja certo de que o não passarás a outro amigo.

Em assumptos baixos, em conversas de arruaceiros, não occupes a tua conversa. O homem perante a sociedade é tal qual a sua lingua. Mostra-te enfadado quando taes conversações se derem em tua presença.

Quanto ao modo não seja o teu fallar de declamador em tribuna, nem de pregoeiro em praça, nem, de labrego em rideas; mas suave, e cheio de gravidade, pausa e assenta; manso e humilde quando tiveres de expor contra algum adversario as tuas opiniões; resignado e inalteravel perante a injuria ou calumnia. Os santos respondiam a esta,

com um agradável sorriso e com termos curtos de aprovação. Litigiar, contender, vociferar, são actos de mal educado, ou de creanças sem acento.

Sê risonho e alegre na conversação porque a verdadeira alegria é propria dos filhos de Deus; mas fuge dos gracejos chulos, não só, mas dos que ferem o proximo. A seta envolvida com o chiste fere mais que a directa. Nunca desças a familiaridades muito domesticas em casa alheia por mais intimas que sejam as tuas relações, porque virás a ser tratado com menos consideração e respeito do que desejáras.

Muitas e muitas vezes veem estas familiaridades a parar em amor de meninos, que como diz o dictado—é agua em cestinhos;—vasa-se em pouco tempo.

Não jures. Muito terás descido no conceito dos teus conhecidos, se para te acreditarem é necessario jurar. Seja a tua affirmação simples e verdadeira: sim, sim, não, não, como quer o texto evangelico, considerado, maduro e parco. Se não estás senhor da verdade adia a resposta.

A teu respeito e da tua familia não falles nem bem nem mal. Ao adulator nem des ouvidos, nem procures saber a opinião publica a respeito d'esta ou d'aquella tua acção. Deus a quem tens que dar conta sabe o seu valor.

Não percas com a tua lingua curiosa e soberba os meritos das tuas obras. Procurar os elogios de Deus e evitar os dos homens foi sempre a regra dos sanctos.

Seja tambem conveniente o teu fallar. De um modo fallarás ás pessoas de dignidade e posição, d'outro aos da tua condição e aos plebeus e ás creanças. Para os superiores terás palavras respeitadas e consideradas; para os inferiores, juvenaes, amaveis e attentiosas.

Fuge de comparações pessoais porque são sempre odiosas para um dos termos.

Não queiras passar por um homem espirituoso, pelo rei da conversação. Lembra-te que quem muito falla, muito erra, que não é no muito fallar, no muito gracejar que te farás homem christão, mas em saber calar, ouvir e meditar os fructos da experiencia.

Disse um auctor: «calar e soffrer é a mais geral virtude com que a vida se passa sem culpa entre a gente.»

Não sejas taciturno e pesado a quem te acompanha; mas fuge da loquacidade, porque «ninguem falla com acerto senão quem sabe calar a proposito.»

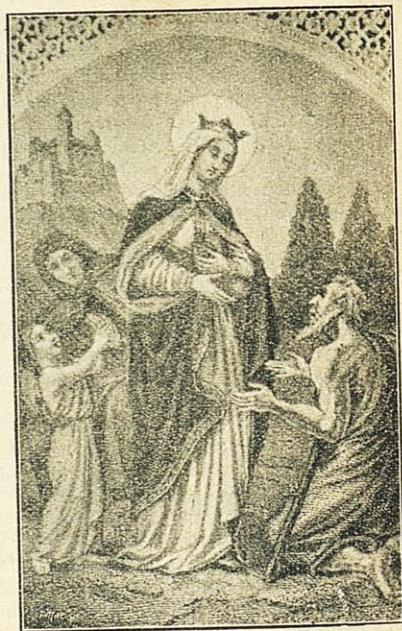
Muitas outras regras ditará a experiencia ao homem prudente que põe freio á sua lingua. Porém a regra suprema e que devemos ter sempre de memoria é a do experimentado e sabio auctor da Imitação de Christo:

—Mais facil é calar de todo que fallar sempre com acerto.—

No dia 6, S. Maria Francisca das Chagas de Christo, Virgem da Ordem Terceira.

No dia 13, os Santos Martyres Daniel e seus companheiros, da Primeira Ordem Franciscana.

Os Irmãos Terceiros e todos os outros fieis christãos podem ganhar indulgencias plenarias, commungando e visitando uma igreja franciscana da Primeira Ordem nos dias seguintes: 4, 6, 13, 19, e 23 do mesmo mez.



S. Izabel de Portugal

AINDA que não seja costume nosso publicar n'esta revista senão graças obtidas por intermedio de S. Antonio, de quem é esta humilde publicação, com tudo certos de que o Santo será amigo da sua gloriosa irmã e patricia, S. Izabel de Portugal, e que não terá inveja dos milagres d'esta gloriosa filha de S. Francisco, mas que deseja a propagação do seu culto, vamos dar noticia d'uma prodigiosa cura obtida por intercessão d'esta Santa portugueza e franciscana.

Achou-se gravemente enferma de um joelho uma illustre e piedosa senhora, assigante da nossa revista e irmã terceira de S. Francisco. Chamou em seu auxilio a medicina que tomou a seu cargo a enferma.

A doença porém agravava-se, e a boa

Indulgencias Plenarias para o mez de outubro

No dia 2, festa dos Anjos Custodios.

No dia 4 de outubro festa do Patriarcha S. Francisco.

senhora temia ficar inutilisada da perna doente, se não houvesse ainda consequências peores como receavam os medicos que affirmavam meio desanimados que a cura levaria mezes.

A devota enferma que como boa christã esperava tudo do ceu e nada da arte medica, recorreu ao medico por excellencia, implorou o soccorro de Deus.

Como morara muitos annos junto das preciosas reliquias de S. Izabel, sua protectora, sabia, pois fêra d'isso testemunha, os milagres que por sua intercessão se operavam alli, e sobre tudo os prodigios extraordinarios que, em tempos mais felizes para o nosso espirito religioso nacional, se obtiveram junto dos preciosos restos da Rainha Santa, e não duvidou apegar-se com ella. Depois de alguns dias de fervorosas preces a doença começou a desaparecer, até a deixar de todo livre, podendo em poucos dias ir por seu pé á igreja, agradecer a Deus a graça que por intermedio da gloriosa Terceira Franciscana lhe concedera.

Que este facto incite nos corações portuguezes a devoção que outr'ora era tão popular á Rainha Santa, e o affecto d'esta Irmã Terceira de S. Francisco, curada por sua intercessão se apegue aos corações de todos os Irmãos Terceiros de S. Francisco. E' mais que justo: S. Izabel é uma santa portugueza e uma santa franciscana. Não esqueçamos as nossas glorias.



Secção historica

MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS EM AVEIRO

(Continuado de paginas 174).

VII



DESCRIPÇÃO da *Casa da Roda* merece capítulo especial e d'ella vou tratar agora, como prometti.

Essa casa era em forma rectangular, abobadada e com o pavimento lageado de pedra.

As paredes e o tecto tinham diversos dezenhos e figuras allegoricas, que muito prendiam as attenções dos visitantes.

Já interiormente e aos lados da portaria, que, do pateo, dava ingresso para este recinthe, via-se em grandes letras:

ANNO DE 1732

Julgo, que este letreiro indicava a data da conclusão das pinturas, que se viam, tanto na *Casa da Roda*, como na *Sala da Rodeira*, que lhe ficava contigua e de que tambem farei descripção succinta.

Para a *Sala* entrava-se por uma alta portada rectangular e simples, mas de boa pedra, e fechada por duas meias portas almofadadas.

A mesma sala dava communicação para quasi todas as repartições do interior d'este edificio.

Essa portada estava ao meio da parede, que ficava á mão direita de quem entrava.

Sobre ella via-se dezenhado um formoso Cherubim, vestido de guereiro e com uma *espada de fogo* na mão direita e em attitude ameaçadora.

Aos pés tinha este letreiro:

Collocavit ante paradisum voluptatis
Cherubim; et flammam gladium ad
custodiendam viam.

Genes. Cap. 3, num. 24.

Isto é: Collocou (*Deus*) um Cherubim ante o Paraiso de delicias; e uma espada de fogo, para que fosse guardado o caminho. Numero 24 do Capitulo terceiro do Genesis.

*

* *

A' direita d'essa portada, ficava a *roda*, que dava o nome ao recinthe e como costuma haver geralmente em todas as casas conventuaes, habitadas por pessoas do sexo feminino.

Estava mettida n'um rectangulo de boa esquadria e tinha por cima, entre dezenhos variados:

MARIA MATER DEI ORA PRO NOBIS.

Isto é: Maria, Mãe de Deus, ora por nós.

A' esquerda, havia um *raro* de ferro, como se usa nas mesmas casas, e que tambem ficava mettido n'um rectangulo de esquadria.

Sobre o raro via-se pintada uma caveira com esta legenda:

INSPICE, VT VIVAS. FVGE.
NE MORIERIS.

Isto é: Attende, para que vivas. Foge, para que não morras.

*

No centro do tecto, dentro de uma eclipse floreada, estava pintada a figura do Silencio, vestido de guerreiro e empunhando uma espada nua.

Em volta, lia-se:

FACTVM EST SILENTIVM
IN Caelo. Apocal.

CAP. 8 NUM. 1.

(Foi feito um silencio no Ceu. Numero 1, do do Capitulo oitavo do Apocalipse).

*

* *

Na parede, fronteira áquella, em que estava a portada, de que fallei, viam-se seis medalhões, cada um dos quaes era quasi da altura, que ia desde e pavimento até uma facha salientada, em que assentava a abobada e que corria em todo o comprimento d'esta parede e no da parede que lhe ficava paralella.

De cada lado da portaria havia um egual medalhão e dois na parede fronteira, ficando assim, dez medalhões, todos enfeitados com variados dezenhos e com floreados remates, sem que deixasse de haver symetria em todos esses objectos.

Nos intervallos, viam-se pinturas, imitando largas jarras de variadas flores. E na parede, fronteira á portaria, havia, perto da roda, uma elevada meza de pedra, onde se pousavam os objectos mais pezados e que, pela mesma roda, deviam introduzir-se no mosteiro.

*

Ca um dos medalhões, de que fallei tinha pintadas umas figuras, alusivas a alguns versiculos do Cantico dos Canticos e de que existem quadros, altos relevos e dezenhos, que já hoje não se encontram facilmente.

Tambem outr'ora se encontravam essas figuras em azulejos especialmente nos templos dedicados á Virgem Maria.

Dos que se viam n'este recincho, o primeiro a contar da direita da portaria e, por tanto, á mão esquerda do visitante, tinha o seguinte letreiro:

*Ego flos campi
et lilium
convallium.*

CANT. CAP. 2.^o

(Eu sou a flor do campo e o lyrio dos valles.)

No immediato lia-se:

*Sicut lilium
inter spinas
sic amica mea
inter filias.*

CANT. CAP. 2.^o

(Assim como o lyrio floresce entre os espinhos, assim como a minha amada se distingue entre as donzellas.)

*

No primeiro medalhão da parede, paralella á da entrada para a Sala da Rodeira, e começando á mão esquerda do visitante, lia-se:

*Sub umbra
illius, quem
desideraveram sedi.
Et fructus ejus
dulcis gutturi
meo.*

CANT. CAP. 2.^o

(Sentei-me á sombra d'aquelle que tenho desejado e o seu fructo é grato ao meu paladar.)

No segundo lia-se:

*Introduxit me
in cellam
ordinavit in
me charitatem.*

CANT. CAP. 2.^o



MARGARIDA SANSON DE SARTO
Mãe de Pio x

(Introduziu-me no aposento e exerceu em mim a caridade.)
Lia-se no terceiro :

*Læva efus
- sub capite meo
et dextera illius
amplexabitur me.*

CANT. CAP. 2.º

(A sua mão esquerda se porá sob a minha cabeça e a sua mão direita me abraçará)

No immediato lia-se :

*Flores
apparuerunt
in terra nostra.*

CANT. CAP. 2.º

(Na nossa terra appareceram flôres).

No quinto medalhão, estava o seguinte letreiro :

*Quæ est ista,
quæ ascendit
per desertum
sicut virgula
fumi ex aromatibus
myrræ et thuris ?*

CANT. CAP. 3.º

(Quem é esta, que sobe pelo deserto, como uma varinha de fumo, composta de aromas de myrrha e de incenso?)

Finalmente, no ultimo dos medalhões, que se viam n'esta parede, lia se :

*Tota pulchra
es, amica mea
et macula non
est in te.*

CANT. CAP. 4.º

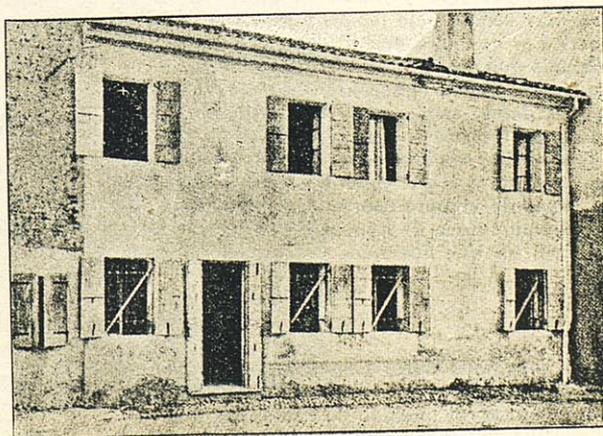
(Toda tu és formosa, ó minha amada e em ti não ha mancha).

No primeiro medalhão da parede fronteira á da portaria, estava o letreiro, seguinte :

*Quæ est ista,
quæ progreditur,
quasi aurora
consurgens,
pulchra ut luna,
electa ut sól;
terribilis ut castrorum
acies ordinata ?*

CANT. CAP. 6.º

(Quem é esta, que caminha, como a aurora surgindo, formosa, como o lua; escolhida, como o sol, terrivel, como um exercito, preparado para os combates?)



CASA ONDE NASCEU PIO X EM TRIESTE
A janella designada com a cruz branca corresponde ao quarto onde nasceu

No ultimo de todos os medalhões, lia-se:

*Veni de Libano,
Sponsa mea.
Veni de Libano.
Veni. Coronaberis.*

CANT. CAP. 4.

(Vem do Libano, minha esposa. Vem do Libano.
Vem. Serás coroada).

*

Facilmente se comprehende, como todos as frases da Biblia, que alli figuram, tinham mais ou menos referencia á Virgem, a quem era dedicado este mosteiro, e mais ou menos referencia á instituição d'esta casa religiosa e ao respeito, que deveria ser-lhe guardado.

(Aveiro.)

RANGEL DE QUADROS.



PENSAMENTOS

E' hypocrita o mercador que dá esmola em publico e leva usuras em occulto; é hypocrita a viuva que sae mui sisuda no gesto e habito, e dentro em casa vive como ella quer e Deus não quer; é hypocrita o sacerdote que sendo pontual e miudo nos ritos e ceremonias é devasso nos costumes; é hypocrita o julgador que onde falta a esperanza do interesse é rigido observador do direito; é hypocrita o prelado que diz que faz o seu officio por zelo e honra da gloria de Deus não sendo senão pela honra e gloria própria; é hypocrita o que não emenda em si o que reprehende nos outros; o que cala como humilde não calando senão como ignorante: o que dá como liberal não dando senão como avarento solicitador das suas pretensões; o que jejua como abstinente não se abstendo senão como miseravel. Seria nunca acabar pôr em resenha estes pessimos Kappas ou estas capas de virtude cobrindo o vicio. Está logo o mundo cheio de hypocritas, e quasi todos são Cyreneus que levando a cruz não morrem n'ella.

M. BERNARDES.

*

Não louvamos muito a homens que dão razão de toda a historia grega e romana, e se lhe perguntarmos pelo rei passado do reino em que vivem, não lhe sabem o nome.

JOÃO DE BARROS.

*

Teme-se a morte pela mesma razão que as

creangas teem medo á escuridão: porque se ignora o que ella seja.

BACON.

*

A lingua e a religião são as duas cadeias de bronze que unem, no correr dos tempos, as gerações passadas ás presentes; e estes laços que se prolongam atravez das eras, são a patria.

A. HERCULANO.

*

As suaves alegrias e as esperanças fogem d'uma alma sem religião, como foge um bando de passarinhos quando avistam o abutre.

PADRE AGOSTINHO DE MONTEFELTRO.

*

Lamentar excessivamente as desgraças, é loucura; mostrar indifferença por tudo, é essencialidade bruta.

*

Melhor é ser reprehendido do sabio, que ser enganado com adulação do nescio.

*

Não ha corpo fraco onde o coração é forte.

*

O natural não é tão raro na dôr como a affectação é rara na alegria.

*

Frequentemente é a mão que dá, por ostentação, esmola ao pedinte; rara é a que é levada por virtude, ao albergue da miseria.

*

Os annos são degraus que desabam á medida que os subimos.

*

O ciume é o sentimento da propriedade; a inveja é o instinto do roubo.

*

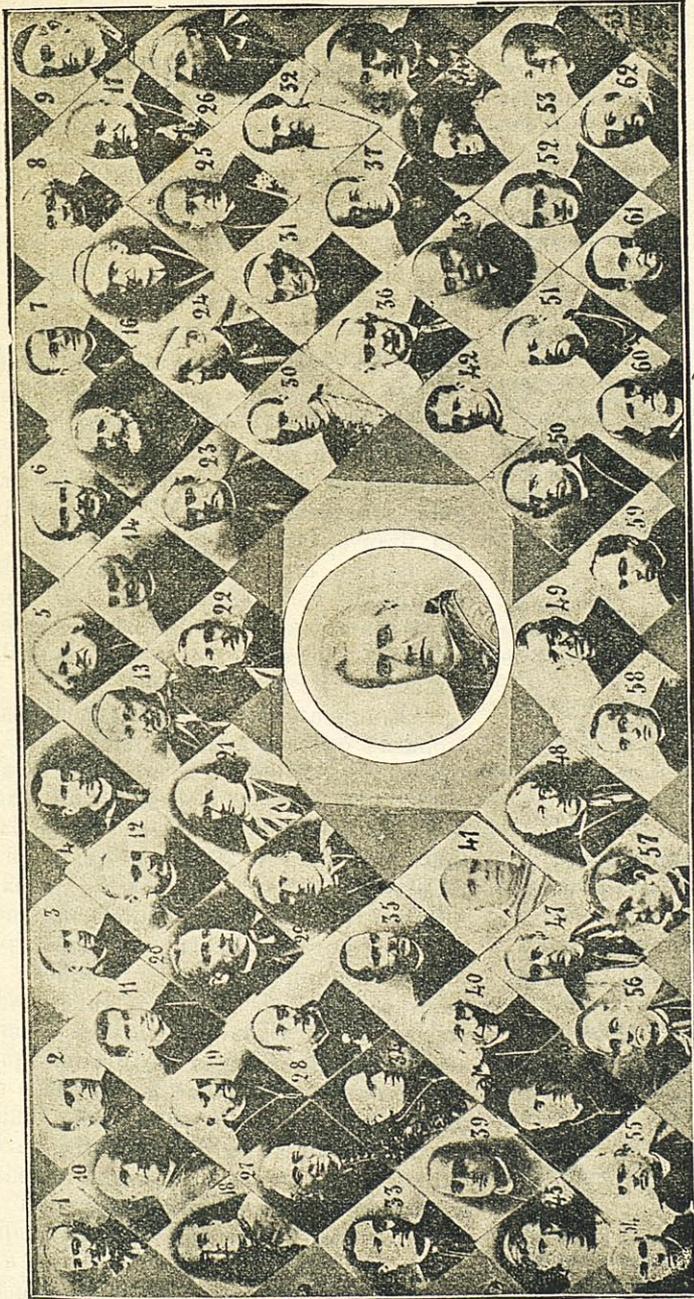
Por imitação ama-se; por imitação deshonra-se; por imitação casa-se; por imitação suicida-se.



ANECDOTAS

Um avaro está gravemente enfermo.
— Ai Doutor! — Disse elle ao medico. — Que dinheiro vou gastar com a sua assistencia!
— Você nada absolutamente.
— Deveras?... exclama o avaro sorrindo no meio da sua dôr.
— Quem me ha-de pagar são os seus herdeiros.

*



SEU SANTIDADE O PAPA PIO X E O COLLEGIO DE CARDEAES

- 1 Casali. — 2 Cavicchioni. — 3 Cassetta. — 4 Moran. — 5 Lecot. — 6 Cavagnis. — 7 Satolli. — 8 Fischer. — 9 Sancha. — 10 Respighi. — 11 Martinelli. — 12 Prisco. — 13 Agliardi. — 14 Gennari. — 15 Vives. — 16 Vaszary. — 17 Taliani. — 18 Labouret. — 19 Manara. — 20 Macchi. — 21 Gotti. — 22 Rampolla. — 23 Svampa. — 24 Boschi. — 25 Gruscha. — 26 Puzyna. — 27 Pierotti. — 28 Herrera. — 29 Gibbons. — 30 Portanova. — 31 Perraud. — 32 Koppe. — 33 Aiuti. — 34 Ferrata. — 35 S. Vannutelli. — 36 Steunhuber. — 37 Della Volpe. — 38 Macella. — 39 Netto. — 40 Richard. — 41 Herrero. — 42 Skrbensky. — 43 Sogna. — 44 Mathieu. — 45 Mocceni. — 46 Couillier. — 47 Cretoni. — 48 Di Pietro. — 49 Capeccelatro. — 50 Oreglia. — 51 Samminiattelli. — 52 Casañas. — 53 Tripepi. — 54 Logue. — 55 Bacilieri. — 56 Celesia. — 57 V. Vannutelli. — 58 Ferrari. — 59 Francisco Nava. — 60 Langenicux. — 61 Richelmy. — 62 Croossens. — 63 Ratschthaler.

Depois d'um choque de comboios:

— Ai! Ai! Ai!

— De que se queixa V.?

— Parece-me que tenho motivos, com um braço quebrado?!

— Por um braço faz V. tanta gritaria quando ha aqui tantos mortos que não dizem nem uma palavra.

*

Quando em 1804 Napoleão I ordenou a todas as auctoridades e altos funcionarios de Paris que fossem apresentar os seus cumprimentos a Pio VII alojado no Palacio das Tulleries, acudiu entre outros M. Marron (em Francez, Castanha) presidente do consistorio protestante, o qual depois de um discurso em termos respeitôsos accrescentou a seguinte phrase:

Ainda que por ser protestante não tenha direito á benção apostolica, estou convencido de que Vossa Santidade é demasiado bom e caritativo para condemnar-me ao fogo eterno.

— Estae certos. — Replicou o Pontifice—que não tenho nem desejo o poder de condemnar ninguem a não ser que algum Papa tenha feito cousa semelhante; mas crede tambem—acrescentou sorrindo-se—que se tivesses a desgraça de vos perderdes, o que Deus não permita, me seria impossivel tirar do fogo tão grande *Castanha*.

*

Sabiu um dia de casa, a passear com sua filha de seis annos, o ministro protestante, rev.^o dr. Mann Hills. O facto deu-se em Londres, no anno de 1900.

Ao passar por uma igreja catholica, lembrou-se o ministro de ahi entrar com a pequena.

A menina fixou sua attenção na linda lampada do Santissimo, que derramava uma claridade meiga e suave n'aquelle momento.

— Para que é essa lampada? perguntou-lhe a creança.

— E' para mostrar, respondeu-lhe o pae, que alli no altar, está Jesus, por detras d'aquella portinha dourada.

— Ai! eu queria ver a Jesus...

— Filhinha, não pôde ser. A porta está fechada a chave, e além d'isto, dentro tem umas cortinas e Jesus ainda fica por detras d'ellas

— Papá, insistiu a pequena; eu queria ver a Jesus.

O ministro procurou entreter a pequena, mostrando-lhe outras cousas na igreja, até que por fim conduziu-a fóra da porta.

Passeando pela cidade, a menina, de quando em quando, perguntava por Jesus. Dadas algumas voltas, o pae entrou com ella n'um templo protestante.

Ahi a creança relanceou a vista por todos os lados, e não vendo lampada alguma, perguntou:

— Papá, porque é que eu não vejo lampada aqui?

— Porque... porque aqui não está Jesus, respondeu-lhe timidamente o ministro.

Então, nada mais houve. A menina sonhou muitas vezes, e alto, n'aquelle noite, fallando de Jesus. Durante o dia seguinte, com frequencia, repetia que queria ver a Jesus, e isto produziu

tal abalo no animo dos paes, que estes terminaram por abraçar a religião catholica, e com ella a pobreza, porque, com a sua conversão, o ministro perdeu uma renda de mil libras annuaes.



Leituras amenas

Se eu tivesse mãe!...

Ceu anuviado

II

GRANDE animação reinava na tarde de domingo seguinte no locutorio das Irmãs da Conceição, cujo convento estava situado já fóra da villa. Toda a familia de Antonio estava alli de grande gala, sobresaíndo a tia Meregilda, de ponto em branco, com o seu lenço de seda, saia de merino, mantilha de setim com muitas franjas de velludo, prendas que conservava como saudade de melhores dias e que só usava no natal e paschoa ou quando se tratava de festa de arromba.

Emquanto Antonio sentado n'uma poltrona de couro cravejada de tachões dourados, fumava um cigarro e acariciava Angelito, que entre as pernas de seu pae comia um rico bôlo de doce, prenda das irmãs, Andreia e a tia Meregilda, muito atarefadas e solicitas vestiam a Seraphina um formoso traje branco, seguindo as indicações que por de trás da grade lhes dava a Madre Assumpção, freira d'aquelle convento e irmã de Andreia. Interessada a freira em que a sua obra luzisse, e em que sua sobrinhita fosse a mais linda que se apresentasse a offerecer á Virgem o ramo de flores na festa d'aquelle tarde, tinha-se constituido directora da orchestra, fazendo dar cincoenta voltas á pequena e mandando a cada volta alinhar uma prega, alisar uma ruga, egualar as dobras, dar um pequeno reloque até que o vestido ficou bem á sua vontade. Fez entregar á menina um mimoso ramalhete de flores, que ella mesmo havia cultivado para este fim e a obrigou a ensaiar-se na recitação dos versos em sua presença. As freiras que acompanhavam a Madre Assumpção ficaram maravilhadas da

graça de Seraphina, que celebraram com phrases de admiração e carinho e com hyperbolicas exaperações. Antonio, Angelito, Andreia e a tia Meregilda contemplavam todos babados a graciosa Seraphina que estava verdadeiramente encantadora com o vestido branco esmeradamente bordado, sapatinhos de setim tambem brancos, banda de seda azul cruzada desde o hombro á cintura, soltas as tranças de seu brilhante cabello louro, na cabeça uma coroa de flores artificiaes á qual estava prendida na parte posterior a ponta do véu que em graciosas ondas lhe caia pelo costado. Aquelle traje cor de neve, aquelles anneis de cabello louro, aquella carita branca, rosada e fina, aquelles olhos azues de olhar innocente davam a Seraphina todas as apparencias d'um anjo.

Quando mais embebidos estavam todos a contemplal-a, abre-se pausadamente a porta, e ouve-se uma voz que diz ;

— Ave Maria Purissima.

— Sem peccado concebida— responderam todos os presentes. (1)

— O Padre Placido, o Padre Placido— exclamaram Angelito e Seraplina, despegando se um de seu pae e a outra de sua avó, e voando ao encontro de um ancião que entrava no locutorio.

O Padre Placido era de estatura regular, um pouco inclinado pela idade e pela modestia, de feições regulares, e veneravel rosto que á primeira vista infundia respeito pelas cãs que o rodeavam, e depois carinho pelo riso suave e bondoso olhar que nunca se lhe apartavam dos labios e dos olhos. Tinha sido superior d'um convento de franciscanos, e era uma das innocentes victimas que a revolução-impia arrancou do claustro para os lançar e sumir na miseria abandonadas. Sem paes nem parentes proximos, viu-se n'uma situação angustiosa; porém nem por isso o tomou o desalento: tinha uma maxima favorita que nunca lhe falhava.

— Em todos os nossos apertos e todas as nossas dores— dizia— o que mais falta nos faz é uma mãe, porque todos os homens fomos meninos e precisamos de amôr. Em tendo mãe, não haja medo que nos falte nada, porque as mães fazem milagres.

Pois bem: todos nós temos uma mãe e mãe bem mais carinhosa que qualquer outra e mais que nenhuma potente: a Virgem Maria.

Todo o segredo da nossa felicidade está em convencermo nos de que temos mãe e em lhe dedicarmos todo o amor, acudindo a ella com todo a confiança de filhos em nossas necessidades e angustias.

Assim descobria o bom religioso, e com tão intima convicção, que o praticar esta maxima e ser feliz lhe parecia que era cozer e cantar, e benzia-se com a mão esquerda quando topava alquem que não estava tanto pelas contas da infallibilidade do seu remedio.

A verdade é que elle nunca lhe tinha falhado, nem d'essa vez lhe falhou.

Quando se encontrou mais angustiado e vacillante, deparou-se-lhe a modesta collocação de Capellão de freiras da Conceição, cargo que agora exercia, quando o vimos entrar em scena e no qual esperava morrer, se antes não podesse realizar os seus sonhos dourados de voltar ao seu convento.

O Padre Placido por seus vastos conhecimentos e dotes oratorios não vulgares, podia ter aspirado a altas dignidades ecclesiasticas; mas como era summamente modesto, e empapado no espirito da sua Regra, escondeu-se voluntariamente, sem mais aspirações n'este mundo que voltar ao claustro ou servir as suas irmãs as *Freiritas de meu Padre S. Francisco e minha Mãe a Immaculada Conceição*, como elle dizia. Mas não digo bem; tinha ainda outra aspiração: a de consolar todos os desgraçados e socorrer todos os pobres; fazer, emfim todo o bem que podesse. Não havia na villa quem não conhecesse e amasse ao Padre Placido, porque tambem não havia quem não tivesse recebido d'elle algum soccorro, favor ou consolação. Mas de quem era mais conhecido e amado era das creanças que, ao vel-o, voavam todas ao seu encontro. Aquelle homem que era um sabio em toda a extensão da palavra, possuia o raro dom de alliar a sabedoria com a candura e simplicidade infantil. Não se podia dizer que com a idade voltava a ser menino porque isso nunca elle havia deixado de ser, e tinha affeições taes, como a de crear passaros e cultivar flores para a Virgem. O carinho que a ella protestava era o d'um menino a sua mãe; ajoelhado deante da imagem de N. Senhora,

(1) Saudação profundamente catholica usada, em toda a Hespanha.

fallava-lhe com tal ternura, como se ella verdadeira e physicamente o sentasse, e o seu prazer maior era levar-lhe flores, e fazer que as creanças lhe rezassem a *Salve Rainha*.

As creanças! . . . As creanças eram a paixão dominante do Padre Placido. Queria, como o Salvador, vel-as em roda de si; e para isso sempre levava nos bolsos amendoas, confeitos, medalhas, veronicas, estampas e escapularios. Elle abraçava-as, beijava-as, sustentava com ellas conversações compridas, com grande complacencia das mães, e já era costume vel-o rodeado d'uma caterva de meninos, que lhe saltavam á roda, com o cheiro nos confeitos. levavos á sua *egreja*, e alli postos de joelhos ante a preciosa imagem titular, fazer-lhes rezar a *Salve Rainha* em troca d'uma amendoa, dirigir-lhes logo a palavra recommendando-lhes a sua maxima favorita, unico sermão que a sua idade e a falta de dentes lhe permittiam pronunciar, mas que repetia todas as horas em todo o mundo. Tinha lido que S. João Evangelista em sua velhice reduzia todos os seus sermões ás seguintes palavras que repetia continuamente:

— Meus filhinhos, amae-vos uns aos outros.

E perguntado o santo Apostolo porque insistia tanto n'isto respondeu:

— Porque é preceito do Senhor, e se se cumpre, basta.

E o nosso Padre Placido cuja alma affectuosa e terna não era pouco parecida á do discipulo amado, havia tomado o thema de que a Virgem é nossa mãe, e nunca lhe caia dos labios, respondendo aos que inquiriam a razão da sua insistencia:

— Insisto porque isso só basta para serem felizes na terra e no ceu.

Do caracter de suas conversações com as creanças avaliem por esta:

Dirigia uma vez a palavra, segundo seu costume, a um grupo de meninos, ajoelhados deante da imagem da Immaculada Conceição.

— Vêde-a — dizia — como está voltada para o ceu com aquelles olhos de gloria, e como tem as mãos cruzadas no peito?

Pois é isso que está dizendo a Deus: estes meninos são meus filhos, e eu quero-os para mim . . . assim . . . — accrescentou o Sacerdote cruzando tambem as mãos, — assim com toda a minha alma e coração.

— Padre Placido — interrompeu Angelito, um dos presentes, — A Virgem que temos em casa, tem um menino.

— E esta tambem o tem, filho.

— E onde está, que não se vê?

— E' que o tem no berço a dormir.

Resta dizer que o Padre Placido tinha tambem as suas presumpções de poeta, ainda que só sabia escrever versos para a Virgem; versos notaveis mais por sua delicada ternura que por seus atavios litterarios.

Seus eram os que iam recitar as meninas n'aquella tarde.

— Bem! muito bem, filhos. . . — disse a Seraphina e o Angelo, dando-lhe suaves palmaditas na face, enquanto estes lhe beijavam a mão. — Bonitos meninos, bonitos meninos! . . . Que bonita que estás, Seraphina! . . . que bonita. Nem a filha do morgado ha de ir tão linda a levar as flores á Virgem. Gosto d'isso, filha, gosto muito d'isso; assim é que é. . . Tudo para a Virgem, minha filha; verás como ella te quer muito e te. . . Olá! . . . que é isso, maroto? Oh! ladrão! . . . Tambem já sabes? . . . Ora vejam, ora vejam! . . .

E ao dizer voltava-se para Angelito, que rindo se ás gargalhadas, ostentava em triumpho um confeito que tinha *sorripiao* furtivamente ao sacerdote, do bolso da batina. Os presentes riam-se tambem, incluso até o mesmo Padre Placido.

— Nada — acrescentou este, — isso não vae assim; dá cá, e toma lá. . . Uma *Salve Rainha* por confeitos, e pelos roubados duas. . . Esta tarde has-de resal-as oh! Angelito? . . . E se não, não vale, hein! Ouviste?

— Dá-me mais confeitos se eu rezar mais *Salve Rainhas*?

— Olá, olá, parece que lhe arregalas o olho!

— Mas sempre m'os dará, Padre Placido?

— Bem, pois sim, dou.

— Pois vou estar toda a tarde a rezar *Salve Rainhas*.

— Olha que se me enganas eu hei-de sabel-o.

— Não engano não, Padre Placido.

— Olhe que eu tenho um passarito que me diz tudo.

Com a formal promessa de que o menino ajustaria lealmente as contas ficou fechado o contracto, e todos os presentes se

dirigiram para a igreja e as freiras para o côro.

Ao cruzar o portico cheio de gente, ia o Padre Placido fallando com as creanças, repetindo-lhes a costumada maxima, com grande orgulho da tia Meregilda que não cabia pela porta da igreja. De entre a multidão sahiu uma voz aguardentada que disse:

— Padre Placido quando é que faz tenção de mudar de cãtiga, que esta já está zurrada de tão gasta.

— Quando a aprenderes, filho, que bem falta te faz.

— A quem, a mim?

— A ti, filho, a ti.

— O que a mim me faz falta é *massa*; que lá de ter ou não ter mãe bem pouco me ralo.

— Estas e as anteriores palavras iam acompanhadas de phrases grosseiras, e juras como lagartos. A gente feia, escandalisada, olhavade cantos o interlocutor, homem grosso, rechonchudo, faces côr de vinho, muito escanchado e impertigado, de cigarro ao hombro, e que ao fallar lançava a miudo por debaixo do sobaco uma esguichadella de saliva que despedia com força entre os dentes da mandibula superior.

— Cala-te lhe diziam alguns em voz baixa, puxando-lhe pela jaqueta.

— Cala-te, *Juramentos* — lhe disse outro empurrando-o com o hombro.

— Não me dá na *gana* — respondeu *Juramentos* com as mesmas interjeições a que devia a alcunha.

— Essa bocca, filho, essa bocca — accudiu o Padre Placido — faz-me crêr que não tarda muito sentires a falta de uma mãe,

— Sim?! oh? oh, oh, oh!... E você é que m'a vai dar não é isso, Padre Placido? ah!... eh!... ih!... oh!... uhh!...

— Pois então, não t'a hei-de dar, filho?... com todo o meu coração.

— Está bem; ficamos n'isso; ás vezes pôde ser... ah, ah, ah!...

— Pois sim, filho, aceitei.

Queriu continuar blasphemando mas a indignação popular cortou-lhe a palavra com algumas exclamações começando a dar o almiré as mulheres:

— Silencio, Juramentos!

— Cala-te bocca de diabos.

— Borracho!

—Vá picar as mós, e deixe-se do que não intende.

— Jesus, que lingua!... ah! boas thesouras amolladas!...

— Fôra!...

— Fiiiii, fiiiii, fiiiii! — (agudos e prolongados assobios que um côro de rapazes, pondo-se de parte do seu bemfeitor, lançava introduzindo na bocca o indice encorvado.

— Silencio, filhos, e deixae-o que bem desgraçado é, coitadito — disse o veneravel ancião, dirigindo-se com o seu acompanhamento á entrada da igreja e continuando logo:

No nosso tempo via-se isto; Hermenegilda, havia lá isto?

— Jüissus!... nos livrara Deus ai! via-se lá nada d'isto, inda me lembra quando a minha...

— O mundo está cada vez peor,

— Peior, peor, Padre Placido!... estamos peor que na India!...

Entretanto Juramento retirava-se corrido caminho da taberna, deitando palavrões de fazer tremer tudo ajudado pelos termos indignados das mulheres e dos homens, e dos assobios dos rapazes, e do ladrar dos cães, entre os quaes sobresaia, pelo agudo e inergico, o protesto do nosso bom Cahins que o seguiu um pedaço, com animo decidido e acariciar-lhe com os dentes as pantorrilhas.

(Continúa).

Gulto de Santo Antonio

O Pão de Santo Antonio

PORTO ALEGRE (BRAZIL)

Com muito prazer e enthusiasmo lemos o *Boletim do Pão de Santo Antonio* do Porto Alegre (Brazil), modesto mas interessante vehiculo de propaganda Antoniana, fundado e dirigido pelo muito rev. conego José Marcellino da Silva Betencourt.

Em cada uma das suas paginas se evidencia a abnegação e até heroismo do seu fundador que, pondo de parte todos os sacrificios tão fecundos em empresas d'esta ordem, mas visando como unico lema a *caridade* vae dispendendo as suas forças no apostolado do bem.

Bem haja s. exc.^a!

A par do pão do corpo com que mata a fome a tantos indigentes, não discursa s. exc.^a ao mesmo tempo de lhes ministrarem os salutarens alimentos da alma, ao mesmo tempo que procura todos os meios de dar expansão ao seu santo ideal.

Reconheceu as vantagens da imprensa para fomentar nas familias a piedade e a devoção ao Santo de todo o mundo e arrosta com as difficuldades que só conhece quem igualmente pugna pela mesma causa.

E' verdade que por vezes no continuo labutar d'uma vida afanoza em prol da verdade que defendemos, encontramos escolhos que nos alquebram as forças e nos levam a uma inacção cobarde, se no mar agitado da vida não lubrigassemos esse farol radiante—Deus—recompensa de nossas lides.

Muito bem comprehendemos s. exc.^a esses amargores quando no seu *Boletim* de 15 de março por occasião do sexto anniversario escreveu as linhas que não podemos furtar-nos em transcrever, por ser a fiel interpretação do nosso sentir :

«Rútila aurora, fagueira e amiga, que em brando zephiro e salutar orvalho, vens trescalarme n'alma o mais delicioso perfume de mystica alegria, que destróe por completo as injustiças, os amargores, os effeitos até acerbos das provações, aliás proprias ás obras de Deus!

Sim, chegaste, boa amiga, eu te saúdo nos arroubos de uma alma agradecida, para com Aquelle que te creou e te ordena que venhas confortar, aviventar-nos com util seiva para esta vida pratica de sacrificio, na mystica linguagem dos loucos da Cruz! Como brilham em teu arrebol aquellas palavras, em letras argenteas: *Seis annos de afanoso labor, mas de boa vontade*, que nos fazem exclamar, parodiando o de S. Pedro d'Alcantara: Oh! sacrificio que nos deu tão grande gloria!

Quem sabe o que é trabalho: quem recebe o *Boletim*, e ainda mais sabe o que é o espinhoso agir da Imprensa, poderá avaliar o que é para um só homem esse esforço de seis annos; até subscriptando 2100 exemplares, emmassando-os e dirigindo convenientemente para todos os Estados do nosso vasto Paiz; e isto, além de todo o mais trabalho e com larguissima correspondencia da caridosa Instituição; dos deveres do proprio estado e obtenção da necessaria subsistencia!

E porque não encarrega esse serviço a uma pessoa? Para não augmentar despezas; ainda que apesar dos melhores esclarecimentos publicados; de termos um Guarda-livros proecto e de honrada probidade, ha quem diga: que nos locupletamos com os proventos da caridade feita em favor dos pobres!... Perdoae, Senhor, que elles não sabem o que fazem e menos o que dizem; não conhecem o que é a vida de sacrificio, em Jesus e por Jesus.»

Com tão entranhavel zelo estamos certos que s. exc.^a enquanto lhe pulsar nas veias sangue d'um coração tão benevolo, não deixará de progredir a sua obra, mas todo o seu ideal não, porque grandes emprezas só grandes corações as conhecem e só esses as comprehendem e hoje o egoismo esbraceja com avidéz por toda a parte.

Contudo não tem sido de balde os seus es-

forços como o mostram as cifras do seu *Boletim* que é deveras consolador porque representam muita fome mitigada e o allivio de muitas dôres e tribulações :

Movimento de 22 de gosto de 1895 data da sua fundação até 31 de Janeiro do anno corrente de 1903:

Receita.....	101:694\$805
	81:696\$520
Saldo...	16:998\$285

Em 31 de Julho do mesmo anno apresentamos o seguinte balanço :

Receita.....	107:304\$750
Despeza.....	89:075\$620
Saldo em—caixa...	18:229\$090

Além d'este saldo o deposito tem mais dois apolices de 500\$000 e um terreno com bemeitorias que custou 32:500\$000 e constituem o seu patrimonio até áquella data.

Traz mais a seguinte relação bastante curiosa que denota a boa ordem da direcção :

Familias soccorridas.....	120
Pães distribuidos.....	236\$830
Alugueis da casa.....	17:551\$000
Pares de calçado.....	254
Peças de roupa.....	2\$949
Graças espirituas registadas.....	2\$695

Traz outros promenores bastante minuciosos que omittimos por falta de espaço.

Não tem Deus permittido a s. exc.^a apenas preparar terreno como diz no seu *Boletim*, mas sim já colher fructos dos seus trabalhos.

BRAGA

Agosto—Dinheiro encontrado nos cofres.	214\$000
Cartas de petição.....	14
» de agradecimento.....	5
Requerimentos pedindo o Pão a Santo Antonio.....	13

Adelino Arantes offerece 5\$000 réis para suffragar a alma de sua saudosa esposa.

—*Manoel José Ferreira Torres* offerece ao milagroso S. Antonio 1\$500 réis por um milagre recebido.

Braga 13—6—903.

—*Amelia da Silca Azevedo* offerece 1\$000 réis a Santo Antonio para o pão dos pobres, por uma graça que elle me concedeu.

—*Meu glorioso Santo Antonio.*—Remetto-vos o que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos, por me alcançardes do Nosso Jesus e de Nossa Mãe Maria Santissima a graça de eu ser o mais classificado no meu exame e de obter o que tanto desejava.

Um vosso devoto.—*R. de Figueiredo Pinto e Sá.*

—Graça que alcançou o milagroso Padre S. Antonio a um estudante de nautica que por intervenção do mesmo Santo fez o seu ultimo exame. Ficando bemjá exerce o cargo de piloto a bor-

do de um vapor tendo apenas 17 annos. Uma irmã do mesmo agradece e envia uma esmola para o pão dos seus pobresinhos.

—*Meu milagroso Santo Antonio.*—Venho satisfizer as promessas que prometti por vezes. Sendo attendida nas coisas que vos pedi venho hoje cumprir as dando 20\$000 réis para o pão dos vossos pobres e prometto-vos ainda 2\$500 réis se me alcançardes a graça que vos peço.

7 de Agosto de 1903.—*Isabel Maria.*

GUMARÃES

Snr. Director:

No fim do mez de julho a commissão do Pão dos Pobres de Santo Antonio dos Milagres, erecta na igreja de S Francisco procedeu á abertura das Caixas das Esmolas, e encontrou a quantia de 20\$160 réis, e distribuiu no dia 2 d'Agosto 180 brôas de Pão a egual numero de pobresinhos, sendo as brôas de 100 reis cada uma. Assistiram á missa recebendo ainda a maior parte d'elles a sagrada communhão, e se não foram todos, é porque não havia quem os ouvisse de confissão. Enfim Deus seja bemdicto. Esta santa obra podia prosperar muito se houvesse um director espirital a dirigil-a, e bôa vontade da parte de quem a devia proteger.

Meu glorioso S. Antonio.—Venho aqui agradecer-vos todas as graças que me alcançastes deixando-vos a esmola que vos prometti.—*Uma vossa devota.*

PENICHE

Escreve-nos uma zelosa bemeifeitora que está á frente do andamento Antoniano d'aquella localidade e apresenta-nos a seguinte relação :

Receita.....	69\$680
Despeza com o pão....	59\$140
Saldo.....	10\$540

Tem-se feito durante o inverno distribuição com regularidade e abundancia suspendendo-se de verô como é costume por ser epocha de menos necessidade.

No dia de Santo Antonio houve missa cantada e nos dias de distribuição reza-se sempre o terço e Ladainha com os pobresinhos que algumas vezes tem pratica.

Seguem as cartas de agradecimento encontradas no cofre.

—*Meu glorioso Santo Antonio.*—Venho jubilosamente agradecer-vos o ter achado um *annel de brillantes* que tanto pezar me fazia perdel-o pelo seu valor estimativo, entrego-vos a esmolinha que prometti para o pão dos vossos pobres.—*B.*

—*Meu glorioso Santo Antonio.*—Eu vos agradeço a mercê que me alcançastes de Nosso Senhor Jesus Christo das *melhoras de meus olhos* sem que eu deixasse de trabalhar; e por esta graça eu vos prometto não me esquecer de Vós com uma esmolinha para o pãosinho dos vossos pobres.—*Vosso devoto.*

—*Meu glorioso Santo Antonio.*—Venho do intimo do coração agradecer-vos a grande graça que vós alcançastes de J. M. J. fazendo com que milagrosamente permanecesse por mais tempo en-

tre nós um zelosissimo Parocho que esteve para se ausentar dentro de 3 dias. Em reconhecimento envio vos 1\$500 réis para o pão dos vossos pobresinhos.

Vossa humilde devota.—*Z.*

—*Meu glorioso Santo Antonio.*—Venho agradecer-vos do intimo do coração o grande favor que me fizestes em terem continuado em paz e socêgo os meus negocios no Brazil embora com diminuição no rendimento e agradeço-vos tambem o ter corrido sem desagrado nenhum um outro negocio. Envio em agradecimento 1\$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos.

Vosso devoto agradecido.—*J. T.*

—*Meu glorioso Santo Antonio.*—Venho agradecer-vos a grande graça que me alcançastes do Divino Coração de Jesus n'uma grande tribulação espirital que ha muito tempo soffria, envio os 1\$000 réis que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos; mais dois por outras duas graças que me fizestes, de ter podido sahir aquelle dia longe sem chuva para chrismar a minha afilhada e um outro tambem dirigido ao mesmo fim.

Vossa agradecida serva.—*I. M.*

—*Meu glorioso Santo Antonio de Lisboa.*—Venho agradecer-vos os vossos favores, especialmente o terem-se concluido bem aquelles intrincados negocios no Brazil, por isso vos envio 2\$500 réis que vos tinha promettido, e dou-vos mais 1\$320 réis para o pão dos vossos pobresinhos, em agradecimento d'outros beneficios que me tendes alcançado do Divino C. de J. e de sua e nossa boa Mãe do Ceu.—*Uma agradecida devota.*

VILLA VERDE D'ALIJÓ

Snr. Director.

Envio 500 réis para o Pão de Santo Antonio, pedindo a V. o obsequio da publicação do seguinte:

Bemaventurado Santo Antonio.—Envio-vos a esmola promettida, agradecendo-vos a graça de não soffrer a operação. *A pleurisia desapareceu*, pelo que seja Deus louvado!

Vosso devoto.—*Joaquim Alves Rodrigues.*

PAÇOS DE FERREIRA

Remetto-vos 500 réis para os vossos pobresinhos por um milagre que me fizestes.

Uma vossa devota.—*H. C. S.*

Paços de Ferreira, 11—9—903.

TORRES VEDRAS

Meu glorioso Santo Antonio.—Muitissimo vos agradeço as curas de minha doença, de minhas filhas e creada. Agradeço-vos meu filho ficar bem do exame.—*T. V.*

BARCELLOS

Snr. Director.

Pedia o favor de publicar na *Voz de S. Antonio* esta graça, que desde já agradeço.

Meu glorioso Santo Antonio.—Ahi vos remetto essa pequena esmola para os vossos pobres e

agradeço-vos a graça de minha tia se restabelecer estava bastante encommodada, recorri a vós interpostos os merecimentos do fallecido Pontifice. Continuae a proteger a vossa devota.—*L. M.*

Snr. Director.

Rogo-lhe a fineza de publicar na *Voz de S. Antonio* estas graças o que muito agradeço.

Meu querido Santo Antonio.—Muito reconhecida venho agradecer vos tres graças temporaes que me alcançastes, de N. Senhor e da Santissima Virgem. Offereço essa pequenina esmola para o pão dos pobres.

Vossa humilde devota —*A. P.*

MARCO DE CANAVEZES

Minha mulher que tem estado e está perigosamente enferma, e mais dois filhos, prometeu no meio da sua afflicção, offerecer a esmola de 2\$000 réis para o pão dos pobres de Santo Antonio, confiado que, por intercessão do milagroso santo será curada dos seus males, assim como os dois filhos.

Não esperei que se realisasse a cura. Remetto a V. a referida esmola em vale do correio, e peço orações pelos meus queridos enfermos, certo de que o grande Santo portuguez, em virtude d'ellas, não deixará de ouvir a quem a Elle recorreu.

De V. etc.—*A. P. A. V.*

HORTA (ILHA DO FAYAL)

Jacintha Rosa Lopes, de S. Amaro de Pico, vindo em viagem n'um barco para o Fayal e, correndo perigo de se perder o mesmo barco, afflicta, prometeu publicar a graça na *Voz de Santo Antonio*, se este milagroso santo os salvasse e foi attendida.

Espera a concessão de uma outra graça para com esta mandar uma esmola para o pão de seus pobres.

Jacintha Rosa Lopes.

SANTO THYRSO

Snr. Director :

Envio 3\$000 réis para o pão dos pobres de Santo Antonio. Quem, com devoção sincera recorre á intervenção d'este glorioso Santo, obtem o que deseja, motivo d'esta pequena offerta.

10—9—903.

J. V.

OURO PRETO (BRAZIL)

Agradecendo ao glorioso Santo Antonio a graça que obtive, envio para os pobres a esmola de 1\$000 réis.

18 de Setembro de 1901.—*Celina Oliveira.*

—Em agradecimento ao favor que obtive por intercessão do glorioso Padre Santo Antonio, offereço para os pobres a quantia de 1\$000 réis.

18 de Setembro de 1901.—*Elvira Brandão.*

—Envio para os pobres de Santo Antonio do Hospicio, a esmola de 5\$000 réis e agradeço ao glorioso Thaumaturgo a graça que obtive.

23 de Setembro de 1901.—*Devota.*

—Eu muito agradeço a graça que obtive de Nosso Senhor Jesus Christo, por intercessão do glorioso Santo Antonio, para cujos pobres envio a esmola de 1\$000 réis.

3 de Outubro de 1901.—*E. F.*

—Meu glorioso Santo Antonio, muito vos agradeço as graças que me alcançastes de Maria Santissima e peço-vos que continueis a proteger-me em todos os passos da minha vida. Vae ali a pequena esmola que vos prometti de 1\$500 réis para o pão dos vossos pobres.

3 de Outubro de 1901.—Vossa humilde serva.—*Maria Dias Franco.*

—Meu glorioso Santo Antonio. Venho hoje agradecer-vos o terdes ouvido as minhas arduas supplicas, compadecendo-vos das afflicções de meu coração, trago-vos tambem a pequena esmola de 10\$000 réis.

G. F. S.

Quantias recebidas n'esta administração e levadas ao seu destino.

Julho

Santa Cruz (Ilha da Rosa).	
J. Ignacio de Figueiredo.....	2\$710
Goa (India Portugueza).	
D. Maria Philomena Bragança	5\$550
Amarante.	
Abbade de Mancellos.....	5\$000
Vila Jusã (Mesão Frio).	
Por intermedio do rev. padre Joaquim Correia da Silva.....	2\$250
Felgueiras (Gandara).	
D. Julia das Dôres Leite.....	240
Cascaes.	
D'uma devota.....	2\$500
Lisboa.	
Por intermedio do rev. padre Boaventura Crespo.....	775
Anonyms	750
Coimbra.	
D'uma devota.....	4\$000
	20\$775



Secção scientifico-litteraria

Esthética christã

Origem da ideia primigenia da arte.
Nova lux, ars nova.



LGURES fôra escripto, que o principio originario da revelação do supremo Ideal, a causa prima de toda a creação, o Creator, o Artista por excellencia,—é Deus.

Deus! Se me fôra possivel desvendar e correr o velario que o esconde ao homem, que tem preso no seio um coração palpi-

tante, e uma alma anciosa de penetrar nos arcanos, que a extasiam, eu diria a esse ente privilegiado o que outr'ora dialogando, disse o lyrico Platão, arremeçando a férula: «—ascenderás á sabedoria para lhe contemplar a belleza; lançado n'este oceano, procrearás com uma inexgotavel fecundidade as melhores ideias da philosophia.

Depois forte e firme o seu espirito por esta sublime contemplação, não perceberá mais do que uma sciencia, a do bello.»

Ao mais alto grau de immortalidade eleva Platão o espirito humano. Para elle se alguém deve ser immortal, é de certo o que attingiu a esphera superior do amor e da virtude e se tornou semelhante a Deus.

Parece ao echo d'estas palavras sensibilisar-se o artista; e confiado, esperar o momento em que posua por inteiro a sciencia, que o exalta acima de si mesmo.

E' estreito e delimitado o ambito do mundo para elle, que contempla o supremo Ideal da virtude e da belleza atravez a atmosphaera nevoenta que enubla a terra. Tudo é sombra que vela o sol da formosura increada. Tudo é nevoa, que se interpõe no firmamento até occultar o Sol expondente da eternidade.

E' extranho para elle vaguear n'um mundo, que lhe enluta a inspiração, privando-o de attingir amplamente o mysterio, que lhe attrae a alma.

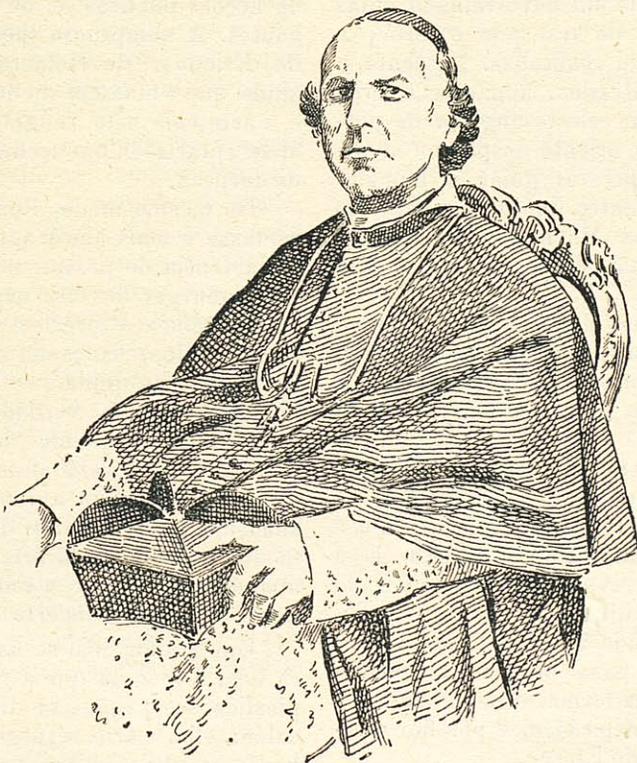
Por isso é que elle do meio das trevas anceia remontar-se ao summo principio, eterno e immorredoiro para contemplar a verdadeira sciencia, que encerra a mais subtil sublimação da verdade, do bello e do bem.

Repousa no seio de Deus, o verdadeiro artista; embora apartado do sol, que de longe e a custo irradia por sobre a sua alma onde palpitam os mais castos affectos, elle aspira de continuo amarar-se n'aquelle oceano sem margens onde o genio fecunda sob os auspicios do sol benefico da Belleza eterna.

Deus, portanto, fonte purissima e inexgotavel, onde se sacia o homem creador, é o principio de toda a manifestação do espirito; revela-se ao homem, mediante a triplice ideia do vero, do bem e do bello.

Todas ellas são identicas entre si, como filhos legitimos de um mesmo pae; todas são escala para Deus, por isso que d'elle derivam; todas são satellites de um mesmo sol, que é Deus mesmo.

A verdadeira belleza é a belleza ideal, esta é um reflexo do infinito, e o infinito é o supremo principio do bello, como do vero e do bom. D'elle dimanam, n'elle se concentram, para elle convergem todas essas ideias com o seu brilho caracteristico; todas dependentes de um mesmo sol e todas distinctas entre si.



CARDEAL LUIZ REGLIA

Mas, não é dado ao homem artista contemplar em pleno dia o throno d'essa Ideia primigenia, senão do visivel subindo ao invisivel. Se elle quizer librar a phantasia longe dos estreitos vinculos do espaço e do tempo, deve ir até á primeira causa haurir a ideia do infinito, que anceia, para tornar-se feliz interminavelmente, e para encarnar na arte o conceito verdadeiro do bello.

Quando o pensamento esvoaça dentro

do limitado circulo da materia, como n'uma prisão, a arte não é, senão a manifestação abjecta e servil da belleza, das pompas do universo e dos heroismos da força, mas não a potencia sublime do animo nem dos affectos mais amorosos e delicados do coração.

Desvendar este segredo da arte após a aurora redemptora, que dissipou as trevas do paganismo, inundando de nova luz o mundo antigo, aperceber a extranha, nova, sublime e suprema Ideia cujo throno se ergue muito para além do espaço, do tempo e da materia, foi tão só esperança de uma nova civilização, de um novo reinado cujas extremas haviam de transpor o orbe, e que alfim se viram realisadas. Nascente a nova religião do Messias, apparece o christianismo, como um celeste augurio de porvindoiras eras; do oriente despontou a estrella, que veio prestes guiar a humanidade caminho a dentro da nova civilização como outr'ora aos Magos em direcção da cidade de Ephrata, onde nasceu o Redemptor.

Ao christianismo é que o artista foi estudar; n'elle encontrára a via da orientação do genio, que forceja por accender-se, e brilhar, como um astro no amplo céo da arte.

A essencia do pensamento christão está collocada na sua relação com o absoluto; e tudo o que vae traçar limites ao espirito é devassado, mediante o seu influxo. É o Absoluto, que se revela na intelligencia do homem, desperta dizendo-o assim, o genio, onde está escondida a sciencia que a vivifica e torna apta para unificar as harmonias exteriores da forma, o movimento e a vida da alma, a inspiração, e por fim o repouso na mansão do Eterno.

Não é pois para maravilhar se entre os antigos a arte foi obscurecida por uma religião ficticia, agorentada com as imagens de um culto mytico.

No Egypto, a civilização d'um povo não podia ser senão bafejada pela rajada sinistra vinda do obscurantismo da intelligencia, da corrupção do coração e da impetuosa tyrannia das paixões indomaveis e extremamente brutaes. Sob o influxo do deus *Ammon*, do *Phtah*, do *Horus*, os egypcios, de um desvairado polytheismo, cahiram na mais abjecta superstição. Por esta via os

productos da arte appareciam ennublados debaixo de um ceu bronzeado á feição do seu culto e da sua religião. Das *eternas habitações* dos seus tumulos e sarcóphagos onde tantas gerações dormem ainda deificadas pela ambrosia enebriante, resta apenas um montão de ruinas de pesada architectura coroado pelo colosso de Memphis.

A Grecia, a cujo ceo tão ridente as forças do genio cada vez mais se avigoravam hauria a sua inspiração do sacro nectar dos deuses que eram sem numero.

Jupiter, Apollo, Pithon, todos os deuses povoam o ceu, a terra, o mar e o inferno de ficções poeticas e de fabulas extravagantes. A voluptuosa theogonia dos deuses de Esiodo e de Homero não prevaleceu, ainda que votassem melhorar os costumes; e a arte com esta religião não podia senão apascentar-se n'um tremedal de lascivia e de torpeza.

Do mesmo modo, Roma, embora apparentasse o mais alardeante poderio, e fizesse jactancia de possuir o genio da conquista, cegou por fim aos esplendores da sua magnificencia, e prestes ella mesma minou a sua ruina, lançando os germens, que a haviam de aniquillar.

Diga-se com verdade, que a arte é a lingua mais eloquente de um povo; mas quando o povo está allucinado e corrompido entre a moleza e os perfumes do sensualismo e dos deleites da materia, o elemento ideologico da arte se eclipsa para abandonar o campo a tudo o que é ephemero, technico e incerto no universo.

Um grande mal se havia originado para nós, á medida que a religião material e plastica dos pagãos se diffundia. Mas, decahida ella, a arte resurgiu alfim mais idealizada do christianismo; e por isso mais homogenea e proporcionada ás necessidades da alma humana.

Creio que não será extranho ao mundo como uma humilde cruz asteada sobre o monte dos supplicados da Judeia fora a origem da civilização universal. D'ella pendera moribundo um martyr; e seus braços pareciam abraçar ainda as turbas que se riam ebrias das suas dôres e do seu sacrificio. Mas se ellas percebessem os ambitos d'aquelle amplexo divino!...

O christianismo não é tão sómente religião de misericordia e de paz, mas é a

patria, é a familia, é a intelligencia, é a vida mesma da alma.

O christianismo, concluamos com um illustre escriptor, é portanto o propagador d'aquella Ideia, que na arte fez substituir as extravagancias e deformidade dos symbolos orientaes pelos simples emblemas, dignos, efficazes e amigos do decoro e da belleza. E quem póde negar que a arte se inspirasse na religião, e que, inspirada vencesse as antigas civilisações da terra? Eu a vejo nascer e resurgir de entre as Catacumbas e de entre os sepulchros dos martyres; brotar das fontes do Evangelho e revigorar-se nos carmes propheticos, substituindo assim pelo vago da arte antiga e pela copia exquisita das formas, o lyrismo mais ideal que eleva os exilados da terra ás castas alegrias do ceu.

Conjunctamente com a palavra a arte do bello visivel alcançára tambem frequentes triumphos sobre o coração; e suave, confortante, melancolica e eloquente sabe elevar-se sobre todos os conceitos, que lhe sugere a caridade, a esperança e a fé.

A mesma morte horrivel e temerosa de sua natureza adquiriu da arte christã um character de amabilidade e de doçura.

Por isso, o pintor, o esculptor, o poeta derramando sobre o vulto do moribundo a serenidade da paz, a resignação, a confiança, o amor exprimiu-se não sei com que pureza calma e etherea, patenteando na morte o principio da fruição completa do bello, ou da vida imperecedoira e sempre joven da alma, feita bemaventurada na celeste visão da eternidade. E' que a arte pelo christianismo torna-se conforto e alento do homem.

GHIM



O missionario portuguez

P.º Alberto Teixeira

(Depois de lêr a sua despedida A caminho da Africa)

*Oh! quão nobres sentimentos
Enthesoiras no teu peito!
Não tem manchas, é perfeito
O teu grande coração.
Que sublimes pensamentos!...
Essa tua despedida,
Tão tocante e tão sentida,
Te retrata sem senão.*

*Tens saudade da innocencia
Do raizar da tua idade...
Ah! E quem lembrar não ha-de
Essa quadra com paixão?
— Quadra bella em que uma essencia
Portentosa, peregrina
Torna angelica, divina
Nossa humilde condição.*

*Passa ardente a juventude...
De seus sonhos despertado,
Talvez cuides ver peccado
Onde ha apenas illusão.
E' requinte de virtude...
O peccado não se cria
Ao calor da phantasia,
Mas nos gelos da razão.*

*E se acaso esse passado
Para ti não tem desculpa,
Não foi bem dilosa a culpa
Que nos trouxe a Redempção?
Sim! O prodigo emendado,
Que voltou ao patrio tecto,
E' o filho predilecto
Com a benção e o perdão.*

*Vaes agora á Lybia ardente
Converter—ideal querido!—
O escravo n'um remido,
O selvagem n'um christão.
Vaes nas mãos de bruta gente
Encontrar talvez a morte
Ou soffrer tão dura sorte
Entre as feras do sertão.*

*Mas no seio uma coragem
Alimenta, infinita,
E'-te espada a cruz bemdita,
E'-te escudo a oração;
E de Christo a doce imagem
E' teu norte para a gloria,
Quer te dê, quer não, victoria
Contra força ou a traição.*

*Lá caminhas... Se a amargura
D'esse adeus á patria terra
E aos amigos que ella encerra
Te não parte o coração,
E' que pensas na ventura
Que a tua alma sentir ha-de
Vendo a patria e a amizade
D'além-campa na mansão.*

*Eu quizera do teu peito
O riquissimo thesoiro
Descrever em versos d'oiro
De sublime inspiração.
Mas tão só singelo preito
Ao teu 'spirito eminente
Render passo, aqui, fremente
De sentida admiração.*

Setubal.

MANOEL NUNES FORMIGÃO J.



BIBLIOGRAPHIA

Da casa editora de GUSTAVO GILI, EDITOR—285, Consejo de Ciento, 285—Barcelona, recebemos as seguintes obras que muito agradecemos.

Despertador Antoniano, devocionario completo dos associados da Pia União de S. Antonio de Padua pelo P. Samuel Eijan.—O. F. M.

E' mais uma boa obra que o illustrado e incansavel escriptor da imprensa antoniana de Hespanha põe nas mãos dos devotos do Thaumaturgo de Lisboa.

E' realmente um devocionario antoniano completo: Exercicios diarios em honra do Santo: *orações para de manhã, para a missa, consagração dos meninos a S. Antonio etc.* Exercicios semanaes e mensaes em honra do mesmo Santo: *confissão, communhão, preparações para ellas, praticas para os primeiros domingos de cada mês em honra do Santo etc.*

Exercicios annuaes: *orações para as principaes festividades franciscanas, novena de preparação para a festa de S. Antonio, novena para obter um favor especial do Santo, treze terças feiras, etc.*

Aos portuguezes amigos de S. Antonio que comprehendem o hespanhol recommendamos este devocionario antoniano, completo como qualquer outro e unico no seu genero.

Vida popular de S. Antonio de Padua e meios de propagar o seu culto entre os fieis.

E' do mesmo auctor e um tomosinho de cerca de 300 paginas escriptas em estilo corrente popular e agradavel, proprio para ser manusiado pelo povo e pelas creanças.

Praza aos ceus que muitos se aproveitem dos suores que o seu incansavel auctor tem vertido nas lides da imprensa antoniana.

Arte de curar os enfermos, manual theorico-pratico para uso das familias em geral e das enfermeiras religiosas em particular, por L. Grenet, traducção hespanhola.

E' um tomo de cerca de 500 paginas em grande formato.

Pelo resumo das materias apreciarão os leitores a importancia d'esta obra a mais completa para o fim que tem em vista.

Primeira parte. O enfermo: descripção do corpo humano, principaes substancias do corpo humano, funcções do corpo humano.

Segunda parte. Enfermidade: suas causas, enfermidades mais communs accidentaes.

Tercera parte. Os remedios: hygiene dos enfermos, medicamicrobios, antiseptia, curas, varias operações cirurgicas.

No livro segundo o auctor trata da alma: preparaço do enfermo para a recepção dos sacramentos, modo de o ajudar a bem fazer o exame, de dar graças etc.

Repetimos: é uma obra completa que todas as familias e principalmente as enfermeiras dos hospitaes, entendidas no hespanhol devem possuir.

Recebemos tambem as seguintes publicações que muito agradecemos.

Theologia moral universal, segundo o pensamento de S. Affonso M. de Ligorio, Bispo e Doutor, accrescentada e adornada com muitas notas e apendices do conego da egreja cathedral de Novara, J. A. del Vechio.

Com algumas constituições diocesanas diferentes disposições civis luso-brasileiras, um apendice sobre o constituição «Appostolicæ Sedis» e uma synopse final—segunda edição revista congruentada sobre a decima sexta e ultima edição latina pelo conego J. M. Rito e Cunha.

O clero portuguez já conhece o valor do compendio de moral de Pedro Scavini, tão elogiado pelo Summo Pontifice Pio IX, quer pela edição portugueza esgotada já quer pelo texto latino. Scavini como terão observado, é methodico, claro, completo e desenvolvido sem ser diffuso em questiunculas de pouca monta para a pratica. Sobre tudo Scavini é um moralista seguro.

A segunda edição portugueza muito melhorada, impressa em bom papel e comodo formato merece um logarsinho saliente sobre a mesa de estudo de um sacerdote.

Pedidos ao editor proprietario e traductor José Maria d'Almeida.—Vizeu.

Diccionario Apologetico da Fé Catholica.

Recebemos e agradecemos o fasciculo n.º 43 que já está em distribuição aos numerosos assinantes d'esta monumental obra, que muito honra o seu digno editor.

O trabalho de revisão e traducção, confiado ao exc.^{mo} snr. dr. Carlos das Neves e Gomes dos Santos, são tambem dignos de todo o elogio, pelo cuidado com que é feito, e enriquecido de numerosas notas de subido valor.

Segue o sumario dos artigos publicados n'este fasciculo:

Predestinação: — conclusão d'este importante artigo, terminando por distinguir bem a predestinação da reprovação.

Primado do Papa e a Egreja Grega: exposição lucida e documental sobre este ponto fundamental do scisma grego.

Progresso: — sua verdadeira noção e caracteristicas, tanto no individuo, como na sociedade.

Prophecia (Dom da) na primitiva Egreja: —

natureza e excellencia d'este dom sobrenatural concedido aos primeiros evangelizadores.

Prophecias messianicas (realidade e força probativa das): — brilhante defeza d'este ponto fundamental do Christianismo, contra as impugnações racionalistas, frizando bem a differença entre os verdadeiros e falsos prophetas.

Continua a assignatura aos fasciculos ou volumes, para os poucos exemplares que ainda restam.

Editor Antonio Dourado—Rua das Flores n.º 42, 1.º — Porto.

Collegio do Espirito Santo em Braga, fundado e dirigido pelos Padres do Espirito Santo. Resultado dos trabalhos escolares do anno lectivo de 1902-1903. — Estatutos do Collegio para os alumnos internos e externos.

Tal é o titulo e assumpto de um folheto, engano me, do esplendido album de 150 gravuras, ornado com varias similigravuras e phototipias dos alumnos premiados nos ultimos exames, e educados no tão conhecido *Collegio do Espirito Santo*, de Braga.

A pureza do ensino religioso e scientifico que bons e illustrados Padres do Espirito Santo ministram aos seus discipulos no seu collegio está eloquentemente demonstrado no surpreendente resultado dos exames d'este anno lectivo, como podem ver os nossos leitores no relatorio que annunciamos.

E' por isso que perto de 300 familias não duvidam em lhe confiar o futuro moral e scientifico dos seus filhos.

Thesouro ce'este, por Bernardo da Costa Morim, clérigo im Minoribus.—Porto. Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, 72—Rua da Picaria, 74.

E' mais um devocionario que gostosamente recommendamos aos nossos leitores. Em cerca de 600 paginas de formato regular contem todas as orações que uma alma piedosa possa desejar.

Do mesmo autor e na mesma casa editora:

Catecismo de Doutrina Christã e devoção do Santo Rosario.

E' um tomosinho de 222 paginas digno de ser estudado pelas creanças da catechese e pelos adultos. E' claro, methodico, e completo este catechismo.

Lyra Sacra.

Recebemos o 10.º, 11.º, 12.º e 13.º, fasciculos do 2.º tomo d'esta importantissima publicação musical unica em gosto artistico e religioso que se publica na nossa patria.

Eis o summario :

II — Purificação de N. Senhora. 18 — Sem macula por J. M. Escoto, a voz e orgão.

III — Nossa Senhora das Dores. 19 — Dole-res gloriosæ, (Invitatorio) a tiple, tenor, baixo e

orgão. 20 — Stabat Mater, a tiple, tenor, baixo e orgão. 21 — Stabat Mater, melodia popular a vozes unissonas e orgão.

22 — Stabat Mater por A. de Menezes, a vozes unissonas e orgão.

23 — Bemdicta se'jais, melodia popular a vozes unissonas e orgão.

24 — Jaculatoria (I) por J. J. de Santanna, para baritono e orgão.

25 — Jaculatoria (II) para tiple, tenor, baixo e orgão.

26 — Mãe Dolorosa (I) para vozes e orgão.

27 — Mãe Dolorosa (II) por P. E. G. a vozes e orgão.

Temos recebido tambem regularmente os fasciculos das seguintes publicações que muito agradecemos, e continuamos recommendando aos nossos amaveis assignantes :

A Biblia Sagrada. — Grande edição popular, esplendidamente illustrada. Versão do Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Commentarios e annotações do Rev.º Santos Farinha segundo os modernos trabalhos de Glaire, Knabembaner, Lesetre, Lestrades Vigouron etc. — Livraria Moderna, Rua Augusta, 95 — Lisboa.

Da mesma casa editora temos recebido as

Maravilhas da Natureza (o homem e os animaes). Descripção popular das raças humanas e do reino animal: caracteres, costumes, instinctos, habitos e regimem, caças combates, captiveiro, domesticidade, aclimação etc. por A. E. Brehn.



As nossas illustrações

I — S. FRANCISCO DE ASSIS RECEBENDO AS CHAGAS NO MONTE ALVERNE.

E' o Alverne, esse misto encantador de aprazibilidade, terror e santidade.

Aprazibilidade n'aquelle enlaçar de tantas arvores, n'aquelle murmuro de tantas aguas, n'aquelle ciciar de tantas brisas; terror n'aquelles insondados precipicios, n'aquellas empinadas fragas, n'aquellas incalçaveis vertentes; santidade nas suas recordações historicas.

Aprazivel, respeitoso e santo o Alverne, é do interminavel Appenino o monte mais elevado, a cabeça principal d'essa hydra immensa, que colleia atravez de Italia, dei-

xando aqui uma lombada, acolá esguia cristã, além estreita garganta.

Abuiremo-nos d'essa montanha que é santa: consagraram-n'a a Deus uma ingente multidão de bispos aspergindo-a em roda com a agua lustral; o seu dorso serviu de peanha ao Christo do seculo treze, a Magestade de Deus ali se revelou ao novo Moisés.

Visitemos com respeito a Terra Santa do franciscano, o seu magestoso Tabor; mas dispamos antes, aqui a seus pés, n'este valle onde habita ainda o mundo, os affectos d'elle.

Descalcemo-nos dos apegos carnaes, porque aquellas rochas, aquellas relvas, aquellas grutas, só recendem amor e poesia, só nos fallam de um Christo.

Olhos no ceu e no remontado cume que se enlaça com elle; sigamos esta senda que serpeia á beira de despenhadeiros, por baixo de torreões de acastelados penedos.

Afaga-nos a aragem da tarde, que nos traz por entre a ramagem, nas asas ciciantes, restos de um já muito repercutido echo.

Silencio... Será canção de algum pegueiro que pastoreia o rebanho nas encostas dos montes vizinhos? Será clamor de algum viajante perdido n'este medonho labirinto? ou,—quem sabe!—grito de algum desgraçado, despenhado n'estas voragens?

Nada se distingue.

Subamos, prescuremos os segredos d'estas auras.

A que altura nos encontramos já do valle!

A que distancia do mundo! Que proximos do ceu que começa alli acima da cristã do monte!

Mas um pouco mais acima, que o segredar da aragem permanece confuso.

«*Ado... ado...*» nada mais se percebe.

Transponhamos aquella lombada, galguemos este regato que se estende em ampla toalha de agua sobre o inclinado lagedo. A aragem é mais fresca e buliçosa; espere-mos que repita o mysterioso echo.

Entretanto, vêde que amplos horisontes, que bello o pôr do sol, que espaçado exercito de cabeços penhascosos nos rodeiam! Ao longe escondida por detraz d'aquelle monte senta-se Arezo. No que pensarão a esta hora seus filhos? Que reboliço n'aquellas ruas, que desconcertado sussurro n'aquellas praças?! Que enfadonho o viver das cidades, d'essas prisões erguidas pelo bra-

ço da civilisação, onde se combatem os interesses, disputam-se as fidalguias, encontram-se os costumes e os genios, chocam-se as rivalidades? E n'este afastado ermo, que socego, que tranquillidade, que esquecimento do que por lá vae?!...

«*Não é amado!... Amado... Não é... ado...*»

Não é amado! Será sentida queixa de algum amante que ande por aqui louco de algum desengano?

Não. A terra que pisamos é santa e não vêem quebrar-se n'estas rochas, não vêem perder-se n'estes bosques, os cantos eroticos das mundanas lirias.

Demo-nos pressa. Quem sabe se estas auras são ligeiras noticiadoras dos suspiros do eremita que, enterrado n'estas silenciosas grutas, soluça aos pés da cruz?

Demo-nos pressa a devassar os mysterios d'esta montanha...

Estamos no cume do Alverne.

Que fundo silencio! Que suavissima paz! Que imponente solidão!

Encostemo-nos a estes penedos, disfrutemos esta dourada tarde de setembro.

Recolhamos nossas potencias, porque este sitio convida á oração...

«Ai que o amor não é amado!... Ai que o amor não é amado!... Soluça um vulto que se enxerga ao clarão da lua, vagueando entre o arvoredado.

«Ai que o amor não é amado!... repete abraçado com o tronco das arvores, enquanto os seus vizinhos, estas grutas, estas penhas respondem confusamente:

«*Não é amado... amor... não é... ado...*»

Escondamo-nos por detraz d'estas des-troncadas faias, não vá topar-nos a vista do ermitão e quebrar a nossa presença o laço da oração que o une a Deus.

«Ai que o amor não é amado!... Ai que o amor não é amado!...» é sempre o seu soluço, a estrophe do seu hymno.

«*Não é amado!... amor... não é... ado*» é sempre o echo pausado d'estas bre-nhas.

Quem será o solitario que povôa o ceu e a terra de tão enternecidas vozes, que dá a estas cercanias tão sentidas queixas!?

O grosseiro saial, os pés nus, o capello, a corda que o cinge, accusam a Francisco de Assis.

E' o abrasado Seraphim do Alverne.

Desde o fim de agosto que elle subira alli para jejuar a quaresma em honra de S. Miguel.

A' noticia que tivera da proximidade de sua morte, uma não sei que suavidade, que sentia no seu espirito, fazia-lhe presentir alguma graça especial.

Para se certificar da vontade de Deus mandou á Ovelhinha de Deus, ao seu amado fr. Leão, que abrisse os Evangelhos, e tres vezes consecutivas se lhe deparou a Paixão de Christo.

Uma força estranha o chamara ao Alverne.

Não havia duvida: era alli que devia occupar-se nos dolorosos passos do Redemptor.

Tomou a fr. Leão, e poz-se de viagem.

Sahiram a esperal-o as avesinhas d'aquellas selvas, poisando-se-lhe sobre o capello, e sobre os hombros, chilreando com muita alegria, abrindo as azas e saltando de um para o outro lado.

«Algo de extraordinario nos vae acontecer, Ovelhinha; as nossas irmãsinhas fazem-nos tanta festa...», dizia Francisco para fr. Leão, acariciando as innocentinhas.

Francisco vivia alli em intima familiaridade com arroios, grutas, e brenhas. Nem um só d'estes seres que ignorasse as suas orações, os seus extases, os seus suspiros; nem um só que não soubesse de côr e repetisse com elle em côr a sua estrophe predilecta: «Ai que o amor não é amado!... ai que o amor não é amado!».

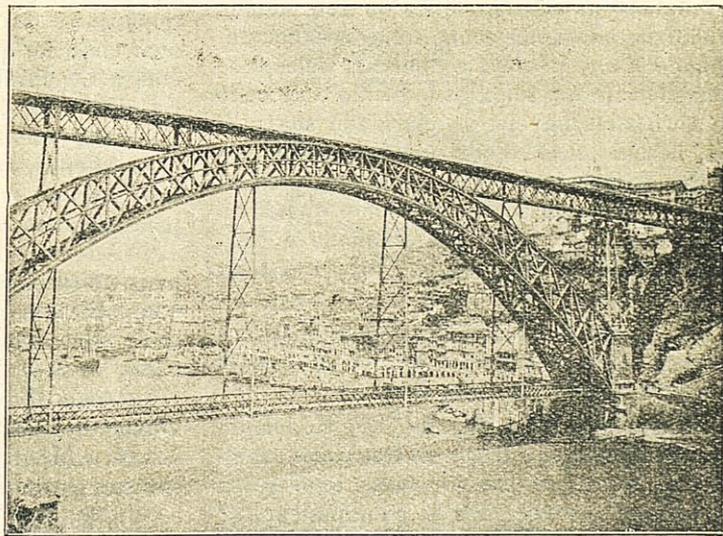
O demonio tenta arremessal-o n'um abysmo, e o penedo a que se apoia Francisco, ampara-o, tornando-se branda cera debaixo de suas mãos, e pés; um falcão que construia o seu ninho em uma soberba faia que assombrava a cela do santo, desperta-o á meia noite, cantando junto d'elle, para que se levante a rezar matinas; as suas amadas avesinhas, esperam-no ao sahir da gruta quando se dirige ao bosque e gorgeiam-lhe mil canções, seguindo-o de ramo em ramo.

A alma de Francisco passava por sensíveis transformações.

Aquelle amor seraphico que sempre o inflammara, queimava como viva ascua, a paixão e cruz de seu amado crucifixo que sempre estimara, estava-lhe de continuo no coração a arrancar-lhe lagrimas e gemidos.

Instantemente clama a seu Amado, lhe desse a esgotar o calix de Gethesemani, descarregasse sobre elle os açoites do Pretorio, carregasse sobre os seus hombros o madeiro da agonia, lhe traspassasse os pés e as mãos com ferreos pregos, lhe partisse o coração com a lança.

Esquecido de si mesmo, mortos os appetites sensuaes, caladas as queixas da carne des-fallecida pela penitencia, entorpecidas



PONTE DE D. LUIZ I NO PORTO

todas as outras faculdades, só ardia n'aquelle peito o amor, que o levava errante por aquelles ermos, suspirando sempre, olhos rasos de agua:

«Chorae, rios, gemei, auras nocturnas, arvores, abaixae até ao chão vossa verde coma, avesinhas, suspirae, passivos rochedos, serras longinquas, cahí sobre o valle, porque o Amor não é amado!... o Amor não é amado!... Nos ramos que se crusam vê o seu amado na cruz, e, lançado á raiz do tronco, abraçado com elle, soluça: «porque estaes vós n'essa cruz e eu não, porque estaes vós n'essa cruz e eu não!»

Se fr. Leão o visita, este Louquinho do

amor e da cruz, repete-lhe muitas vezes, como quem não sabe mais nada: «não nos devemos gloriar, Ovelhinha, senão na cruz de Christo».

Dia e noite, na gruta e no bosque, Francisco estava sempre immerso no amargo oceano da Paixão; era sempre sedento do fel do seu Amado agonisante.

A realização de tão ardentes desejos não podia tardar.

Christo devia completar a sua imagem no seu fiel imitador.

Tinha copiado n'elle o seu nascimento, o seu presepio, faltava assemelhar-lhe a sua morte, as suas chagas.

Vespera da Exaltação da Santa Cruz, pelas duas horas da noite, estava Francisco arrebatado na contemplação do seu amado crucifixo, chorando como uma creancinha, quando n'um instante a abobada celeste se accendeu de um fulgurante brilho e no meio de abrasadas nuvens de claridade suavissima, descia junto d'elle um seraphim que fendia os ceus com seis azas refulgentes: duas abertas em acção de voar e quatro fechadas, a velar, como um diaphano e cristalino sendal, a imagem de Christo crucificado.

A Magestade do Deus dos christãos pairava sobre o Tabor, e o novo Moysés já lá está descalço junto da sarça.

Mas o que diria elle ao Legislador do seculo treze? que abraços se trocaram aquelles dois amantes, que amorosas expressões se diriam, que segredos se communicaram? que sentimentos fossem os do ermitão poeta á vista d'aquelle Seraphim, ninguem o soube, porque Francisco a ninguem os revelou.

Viu-se, porém, que, ao terminar a grande visão, o seraphico Pobresinho de Assis trazia as mãos e pés ensanguentados e trespassados por duros pregos, e no peito aberto um golpe ou fenda de lança d'onde mana o sangue que vae ensopar os vestidos interiores.

Tudo está consummado, podera dizer o crucifixo do Alverne, está apagada a minha sede.

A conclusão da quaresma foi um continuo extase.

Fr. Leão encontrava-o frequentes vezes de joelhos, olhos cravados no ceu rodeado de esplendor peregrino; muitas elevado sobre as altas arvores, alguma remontado a

tal altura, que as chagas golfando jactos de luz, assimillavam cinco formosas estrellas.

Já não era mortal, era um bemaventurado que se alimentava da visão beatifica de Deus.

Estava terminado o jejum de S. Miguel, a morte de Francisco approximava-se, era necessario abandonar, e para sempre, o Alverne.

A magua, o luto que lançaria n'aquelle peito onde se enlaçava a poesia com o amor divino, a esta triste lembrança, pôde conjecturar-se pelo sentidissimo adeus que elle mandou áquelle seu caro recinto, e aos seus filhos, moradores d'aquella solidão; «adeus» que os seus contemporaneos nos legaram com toda a sua simplicidade: «Ficac-vos em paz, filhos dilectissimos, adeus. Separou-se de vós o meu corpo, mas não o meu coração, que eu vos deixo. Retiro-me com a Ovelhinha de Deus para Santa Maria dos Anjos, e não mais nos veremos. Vou-me; adeus, adeus, adeus a todos.

«Adeus», monte Alverne; adeus, monte dos Anjos; adeus irmão falcão, obrigado pela caridade que tiveste commigo.

«Adeus, adeus duras rochas, nunca já-mais voltarei a visitar-vos; adeus penhas, que me escondestes em vosso seio para confusão do demonio, não nos tornaremos a vêr.»

Depois d'esta effusão de uma alma divinamente amante, o Moysés franciscano descia a Montanha Santa, trazendo gravada em sua carne a imagem de Deus Vivo.

Os habitantes das aldeias visinhas, que tinham visto na noite da grande visão o Alverne envolto em chammas, corriam a esperal-o com ramos de oliveira, e gritando em côro unisono: «lá vem o Santo, lá vem o Santo:» e estas marchas triumphaes repetiam-se seguidamente até Santa Maria dos Anjos.

O resto da vida de Francisco foi um continuo languecer de amor.

Uma torrente de fogo lhe banhava as entranhas, e se reberverava no interior.

N'uma noite de inverno um companheiro seu, mal alojado n'uma choupana de um camponez, queixa-se de frio; Francisco toca-o com sua mão, e de repente um calor suavissimo lhe corre todo o corpo. Fr. Leão, ao curar-lhe a chaga do lado, causa-lhe uma dôr cruciante; Francisco, n'uma convulsão involuntaria, firma a mão direita sobre o

peito do seu enfermeiro, e a Ovelhinha cae desmaiada de dulcissima consolação.

Quando percorre as ruas de Assis montado em um jumentinho, á multidão que o rodeia, disputando-se o direito de o tocar, ensina de mil fórmas a sua predilecta estrophe: «O Amor não é amado, o Amor não é amado».

Aos seus filhos que o cercam de cuidados, não sabe dizer mais nada senão: «Amaevos, filhinhos, amae, porque o Amor não é amado», e quando sae á mata do convento esquecido da terra canta com ternura o seu *In foco*, que a sua ardente e divina musa lhe inspirára depois da sua crucifixão:

*N'uma fogueira abrazada
Lançou-me o Amor
Queimou-me em sarça inflammada
Sarça de amor.*

.....
Todo era amor, aquelle Martyr de amor, todo amor aquelle Seraphim crucificado.

Outubro de 99.

F. B. RIBEIRO.

*

* *

IV -- CASA ONDE NASCEU PIO X. — E' extremamente singela. O quarto onde nasceu o papa, e que na nossa gravura vem indicado com uma cruzinha na janella, é mobilado ainda como em 1835, data do nascimento de José Sarto: uma cama, uma mēsa e duas cadeiras. As imagens que adornam as paredes são simplicissimas, e as mesmas a quem Margarida Sansoni, erguia as suas preces quando estava para ser mãe do filho que mais tarde succederia a Leão XIII.

*

* *

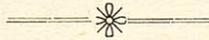
VI — CARDEAL LUIZ OREGLIA. — E' uma das figuras mais proeminentes do Sacro Collegio e um dos mais votados no conclave para successor de Leão XIII. Na qualidade de Camerlengo dirigiu os trabalhos complicadissimos para o ultimo conclave com um acerto admirado pelos seus collegas purpurados.

Nasceu a 9 de julho de 1828. Foi nomeado Prelado domestico por Pio IX, em março de 1858 e em 1863 foi enviado como Internuncio á Hollanda. Creado arcebispo de Damietta, foi em maio de 1866 receber a nunciatura da Belgica e pouco depois foi nomeado Nuncio de Lisboa, dei-

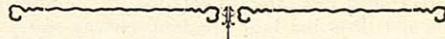
xando este cargo em 1873 para ser creado cardeal de Santa Anastacia em dezembro d'esse anno. Subiu para a Ordem dos Cardeaes Bispos em março de 1884, occupando o logar Sub-Decano do Sacro Collegio e pela morte do Cardeal Monaco La Valletta o de Decano.

E' Camerlengo da Santa Igreja Romana desde 1884 e Abbade commendatario de S. Vicente e S. Anastacio ás Tres Fontes.

E' ainda o illustre purpurado archicanceler da Universidade Romana e Prefeito da Sagrada Congregação do Ceremonial, protector dos Conegos Premonstratenses, da Academia Pontificia de Archeologia e dos Novos Lyceus.



Chronica universal



PORTUGAL

Pouco ha de importancia mascula que notar. Tem-se fallado no emprestimo de 3:000 contos contrahido pelo governo ultimamente. Esta somma que, para pobre faminto não é pequena, d'esta vez parece não ser para o falar dos afilhados. O snr. ministro das obras publicas tenciona empra-lo na construcção da estação central do Porto, no lançamento do troço da linha de Evora, entre a estação de Extremoz e Villa Viçosa, na construcção da estação de Contumil subsidiaria de Campanhã e não sei se mais alguma obra publica.

O emprego do emprestimo não vae mal, o peor é se depois de contrahido, se levantam difficuldades e as ditas obras publicas, ficam como as de Santa Engracia, e o dinheirinho se afunde no sumidoiro voraz dos ministerios.

Publicaram-se tambem as contas das receitas e despezas geraes do Estado referentes aos primeiros nove mezes do ultimo anno economico.

Suppondo que o sommador, ou antes os sommadores, mettem para o total todas as parcelas, e que o auxiliante das provas as tirasse bem, o resultado publicado foi: receita do thesouro, réis 41:000 contos e a despeza 41:900 contos. Comparando com o anno economico anterior em igual periodo, cuja despeza foi de 40:597 contos e a receita 39:000. Vê-se que as receitas augmentaram em nove mezes 2:000 contos e as despezas 1:300 contos.

Dadas as contas por verdadeiras conclue-se que, com bocadinho de tino era facil diminuir a despeza, ao menos paraliza-la e com o acrescimo da receita ir enterrando o *deficit* monstruoso que nos acabrunha.

Mas isto é o que não é facil attento o mau fado da politica administrativa dos nossos homens publicos. E' necessario, por exemplo que no estrangeiro conheçam os talentos do snr ministro da fazenda? Mandam-se para a Redacção do «Figa-

ro» CINCO CONTOS DE REIS e no dia seguinte sai a apothese do illustre funcionario portuguez. Chega de fora o snr. presidente de ministros? Os amigos de sua excellencia publicam que lhe vão offerecer do seu bolso um jantar para solemnizarem os triumphos adquiridos em Paris e no fim da paparoca mettem as mãos juntas á algibeira da nação—que é a sua—e pagam aos fornecedores DEZ CONTOS em bom dinheiro portuguez. Os dois Gr. Or. Maç. de Lisboa querem tambem tributar-lhe o seu respeitoso affecto, *fretam* um comboio especial para conduzir sua excellencias do Luso para a capital. Chegados á estação mettem as manopolas á algibeira farta da nação que é tambem a d'elles e pagam á companhia real uns 80\$000 réis.

E' assim que as despesas augmentam a par das receitas. Isto só votando nas camaras, um jejum universal e rigoroso para os ministerias e afilhados, é que melhoraria.

Para encobrir estas e outras despesas feitas á conta do *bolso dos taes* amigos ordenam se manobras militares a que se obriguem toda a casta de reservistas, seja qual fór a sua occupação, salvo se pagarem uns 50\$000 reisitos. A lembrança não foi má. Por um lado podem entrar sob o titulo de manobras militares, outras manobras politicas e amigaveis e juntarem-se assim as despesas congeneres, no senso politico; por outro os reservistas que tivessem de seu, e occupados, n'esta época de labor insano, em colheitas e outros afazeres proprios do tempo sempre largariam os 50\$000 reisitos e pagariam assim as jantarolas dos amigos do snr. presidente de ministros.

Alguns maldizentes até já desconfiaram da angariação de socorros pecuniarios para os faminhos de Cabo Verde; mas não creio que por ora haja motivos para juizos temerarios. As respectivas commissões fariam contudo muito bem se exceptacionassem o caminho por onde têm que passar as quantias collectadas para que não haja precipicios no caminho onde as ditas se abysmem. Não são sómente os infelizes de Cabo Verde que têm fome, e o dinheiro escorraça como visgo. Bem fôra sobre tudo que, como dizia o nosso collega, *O Correio Nacional*, as *sommas* colligidas se empregassem em comprar anzoes, arados, rocas, fusos e outros utensilios para os desventurados ganharem o pão hoje e sempre. A fome veio da nossa má administração sem esta se melhorar, não se melhora a fome.

Passando a assumpto mais alegre e esperançoso, temos a consolação de noticiar aos nossos leitores a fundação de uma nova associação de beneficencia. O titulo, *Democracia Christã*, é sympathico, e os fins, *socorrer os socios pobres na inhabilidade, enfermidade, prisão etc.*, são christãos. Os socios pagam semanalmente 20 réis e recebem como recibo o jornal catholico do mesmo titulo.

Foi uma boa lembrança. A classe operaria principalmente muito tem que lucrar em entrar como socio d'esta benemeria e christã associação.

Imploramos de S. Antonio bençãos do ceu para o seu progresso.

Deixemos Portugal e passemos um ligeiro olhar pelo estrangeiro.

FRANÇA

Combes continúa na sua faina diabolica. Temem-se complicações com a Santa Sé, e falla-se em rotura de communicações com o Vaticano. Um discurso de Combes proferido pela occasião da eleição de Pio X deu origem a taes boatos. E a sua persistencia em exterminar o ultimo frade e a ultima freira não é para bons agouros.

O mais curioso da campanha *antimonastica* é a anarchia juridica, pelo dizer assim, entre o ministerio e o supremo tribunal de justiça. Combes e o seu ministerio quer e manda que os religiosos secularizados fiquem inhabeis para o ensino, prédica e mais ministerios para que qualquer cidadão tem direito de concorrer e exercer, merecendo-o; o supremo tribunal em muitos pleitos submettidos á sua auctoridade tem sentenciado contra o ministerio de Combes.

Quer isto dizer que a justiça condemna a iniquidade do atrevido apostata, n'este particular ao menos.

Quanto aos resultados d'esta campanha infernal, para a instrucção publica, vejam os leitores a estatistica publicada no *Eclair*, proveniente do ministerio de Instrucção publica.

Em 1902 frequentavam as escolas do governo 3.049:575 alumnos; em 1903, 3.109:114; de um anno ao outro houve pois um acrescimo de 59:539 alumnos. As aulas congreganistas eram frequentadas em 1903 por 1.135:834; em 1903 (junho) apenas 985:107; suppondo que os alumnos que augmentaram a frequencia das aulas do governo de 1902 para 903 foram dos expulsos das escolas congreganistas sómente, ficaram sem ensino, com a expulsão dos religiosos de institutos escolares, 91:188 alumnos.

O *Eclair* conclue assim esta lista: «Eis o resultado da applicação *energica* da lei de 1901 pelo ministerio de Combes: quasi 100:000 creanças francezas ficaram privadas de ensino, durante este anno, e continuarão sem elle de hoje em diante.

«E este numero apresentado pelo ministerio será exacto? Não o diminuiriam muito em seu favor? E ainda não chegamos ao fim da campanha!»

Continuam as intimações de secularização para os poucos estabelecimentos de ensino religioso que ainda existem e os inventarios ás escolas já esvasiadas.

Ha pouco o director do collegio de orphãos de Dom Bosco em Lille foi intimado pelo commissario a fechar e a dispersar o pessoal. O superior respondeu-lhe com energia.

—Mandei os nomes dos meus orphãozinhos á prefeitura do Norte, não tive resposta. O que que-reis fazer d'elles? Vós bem sabeis a sorte de quem não tem mãe.—

O commissario não deu resposta. O mesmo que este superior podiam perguntar a Combes os directores dos hospitaes, dos asylos de velhos e invalidos.—Que fareis dos nossos velhinhos, dos nossos inutilizados, das nossas creanças abandonadas?—E Combes ainda está para responder.—

Apesar d'esta desolação geral os catholicos francezes preparam uma peregrinação imponente,

como nenhuma precedente, a Roma, com o fim de orar sobre o tumulo de Leão XIII que tanto amou a França, pelas ordens religiosas e seus perseguidores, e apresentarem a Pio X as homenagens respeitadas e de affecto christão de todos os catholicos do reino de S. Luiz.

Acompanha a peregrinação como presidente Sua Eminencia o Cardeal Langenieux, arcebispo de Reims e o Snr. Bispo de Cohors.

Realisou, com grande successo, o seu quinto congresso a democratica e christã Federação dos operarios catholicos do Norte e Oeste da França. Reuniu se em Rennes em 30 de maio ultimo, sob presidencia de Libatteuse, presidente da Federação, que era ladeado pelos sympathicos protectores dos operarios, M. Léon Harmel, e Champigneul. O congresso foi muito concorrido.

*
* * *

Enquanto na França os religiosos são expulsos, na Inglaterra, são recebidos com amabilidade e permite se toda a liberdade religiosa.

Em Londres no ultimo domingo de maio os frades capuchinhos realizaram a celebre procissão de N. Senhora e S. Francisco com uma imponencia nunca vista.

Os frades capuchinhos, os irmãos da Terceira Ordem secular de S. Francisco e os membros de outras congregações religiosas lá atravessaram as ruas de Londres com os seus habitos monasticos sem que a auctoridade os prendesse. Pelo contrario esta mandou que a policia conservasse a ordem; 5:000 pessoas seguiam a procissão e mais 10:000 acudiram a presenciar aquelle triumpho da religião catholica.

A um paiz que assim permite as manifestações das associações que concorrem para o seu progresso moral e civil é que eu chamo um paiz liberal.

*
* * *

A Allemanha é outro paiz onde a verdadeira liberdade vae lançando raizes. O movimento catholico vae ganhando campo e o Imperador conscio da sua força politica presente e futura sobre tudo, garante-lhes toda a liberdade.

Os catholicos celebraram o quinquogessimº congresso catholico-politico em Colonia no mez de agosto. A concorrência foi maxima e o entusiasmo dos congressistas animados pelos oradores attingiu o seu auge. Os catholicos presentes eram cerca de 80:000, dos quaes 25:000 eram operarios.

M. Custodis, presidente do Comité local encarregado da preparação do congresso leu á assembleia uma carta de Pio X, onde Sua Santidade agradecia as felicitações que lhe foram enviadas pelos catholicos allemães, e manifestava a sua alegria por ver a actividade dos seus filhos na Allemanha de que esperava grandes resultados para o triumpho do Papado.

A carta terminava abençoando todos os congressistas e catholicos da Allemanha.

A nota mais saliente do congresso foi a insistencia de todos os oradores em proclamar a independencia e libertação do Pontificado.

Esta insistencia que não foi mais que a expressão dos ideaes, dos catholicos allemães unida com a harmonia, para não dizer amizade, do imperador para com o Vaticano faz luzir no futuro um raio de esperança.

Estará reservado a Pio X a libertação do Summo Pontificado?

Outra nota digna de menção que sobresahiu no dito congresso foi a representação numerosa dos clubs dos estudantes catholicos.

Estes clubs, ou reuniões de estudantes são o elemento de mais força para a acção catholica e social e politica da Allemanha.

Todos sabem que os estudantes já pela sua idade fogosa e cheia de brilho são capazes de grandes acções se houver vultos de força a que se apoiem. Aproveitando este ensejo os chefes dos centros catholicos começaram a formar centros para reuniões de estudantes catholicos onde estes se ensaiam em eloquencia parlamentar, onde conferenciam sobre os pontos mais melindrosos da acção catholica politica e social da Allemanha e outros assumptos. D'este jardim é que saiem os deputados catholicos amestrados já nas verdadeiras ideias do catholicismo social, e dentre estes é que se escolhem os outros cargos superiores do ministerio.

Veja o nosso clero como deve organizar tambem a força catholica na nossa patria que não carece menos d'ella que a Allemanha.

Notemos antes de sair da Allemanha que a carta de Pio X escripta ao congresso de Colonia foi a primeira que Sua Santidade escreveu a associações d'este genero.

*
* * *

Passando para a Italia a primeira noticia de interesse catholico que se nos depara é a raiva socialista contra os catholicos accesa de nova por occasião da eleição do novo papa. Pensavam os amigos do povo que morrendo Leão XIII, morria tambem a força do Vaticano e que o seu successor não seria perante as noções mais que um ente desconhecido; mas estalou-lhes a castanha na bocca. De todos os Estados chegaram felicitações ao Vaticano; Guilherme II felicita cordealmente Pio X e prepara uma imponente comitiva para brindar o Chefe do Christianismo com uma cruz peitoral; Nicolau II prepara se para sahir da Russia em direcção ao Vaticano.

Estes factos provaram á canalha socialista que o Vaticano ganha terreno e dominio não por este ou aquelle papa mas por si mesmo, pelo papado, e isto mais fez desesperar os homens a ponto de clamarem nos seus periodicos contra a vinda do soberano russo a Roma, chegando a preparar motins para a sua chegada. O governo italiano viu-se obrigado a apprehender o *Avanti*, jornal socialista e a tomar precauções contra as doideices socialistas que lhe podiam acarretar graves consequencias, pois sabe-se perfeitamente que a Russia está ligada á França por intimas relações e Italia o está igualmente. Mas os socialistas não querem edificar, mas destruir a sociedade e os governos.

Os mesmos socialistas ou mações ou liberaes ou todos, entre muitas calumnias com que quize-

ram manchar a fronte illibada de Pio x uma foi que elle não sabia senão uma lingua e mal; a italiana, e outra que o Patriarcha de Veneza não passava de um padre devoto e que nada sabia de politica.

Quanto á primeira um jornal de Italia desmente a calunnia que correu mundo pelos jornaes liberalões affirmando que Pio x falla o francez e o allemão, linguas sobre que fez largo estudo, e entende perfeitamente o inglez e o hespanhol. Com estes conhecimentos linguisticos o papa não necessitará de interpretes nas audiencias estrangeiras, como diziam os taes amigos.

Quanto á segunda vamos desmentil a pelas proprias palavras de Pio x.

O *Osservatore cattolico* traz a proposito das distincções entre *papa piedoso* e *papa politico* uma interessante entrevista com o Cardeal Sarto, hoje Pio x, que vamos traduzir:

«Permittir me-hão transcrever para aqui parte da minha entrevista com o Em.^{mo} Cardeal Sarto, hoje Pio x. Ha cinco ou seis annos, que o não via, mas tinha gravado bem em minha imaginação os traços de sua sympathica figura, e recordavame d'essas tardes saudosas passadas com elle no collegio Lombardo, onde os estudantes formando circulo em torno d'elle estavam suspensos horas e horas dos seus labios, que abundavam em phrases espirituosas e fino chiste.

«Vindo a Roma ultimamente, no dia immediato ao da morte de Leão XIII, pedi a Mgr. Sualdi, reitor do Collegio, hospitalidade, que amavelmente me foi concedida, e tive a alegria de notar que, segundo seu costume, o Patriarcha de Veneza chegava ao Collegio, ao mesmo tempo que o nosso Arcebispo de Milão, o Cardeal Ferrari.

«N'essa mesma manhã me fiz annunciar; o Cardeal veio ao nosso encontro (D. Guido Anichini, (1) um amigo, acompanha-me) e sorrindo disse:

«—O quarto Poder! Que novas nos traz o quarto Poder?

«—O quarto Poder pretende que o Cardeal Sarto seja Papa.

—Engana-se redondamente; tirei bilhete de ida e volta e prometti a meus caros Venezianos de regressar vivo ou morto á cidade dos lagos.

Precisamos de um Cardeal da Curia, que esteja ao facto da politica, e não d'um pobre bispo desacostumado a tratar com embaixadores.

«—Oh! quanto a isso, repliquei, os habitos facilmente se adquirirem. Uma vez sobre a cadeira de S. Pedro se habitua a tratar com embaixadores, principes e monarchas sem grande difficuldade. De resto nunca votou, que o «quarto Poder» falla d'um papa piedoso de preferencia a um papa politico?

«—Deixae fallar o quarto Poder, o quarto Poder liberal, (1) ao menos porque não tem a menor competencia em coisas, que respeitam ao Conclave. Que de sandices têm sido escriptas n'estes dias ultimos!

O Cardeal Sarto continuou:

«Fizestes allusão á formula já agora tanto em voga de um papa piedoso. Na verdade seria coisa muito de ver-se um papa, que não fosse piedoso. Mas os que fazem circular esta formula entendem talvez um papa escondido na sombra, applicado sómente a dar benções, sem influencia social alguma! Mas não é um papa d'este genero, que nos é preciso. O catholicismo deve exercer toda a sua influencia social; n'estes tempos, particularmente, não deve retirar-se, mas caminhar sempre ávante.

«Os olhos do que se chama hoje Pio x brillavam; dir-se-ia, que elle traçava um programma.

«Passamos em seguida a analysar ligeiramente a situação da França, da Allemanha e da Italia. Ao terminar o Cardeal fallou mais uma vez da sua cara Veneza, dizendo: «Apenas terminar o Conclave regresso á minha bella lagoa.»

«—A não ser, que o cerrem para sempre no Vaticano, replicamos-lhe.

«—Ainda n'esse caso ficaria Patriarcha de Veneza. Não sei... e fez uma pausa acompanhada d'um sorriso malicioso. (2)

(1) D. Guido Anichini é o secretario do «IV Grupo» da obra dos Congressos. Grupo ou Secção da imprensa catholica italiana.

(1) A palavra *liberal* continua na Italia assim como na Belgica a designar os partidos hostis á influencia social do catholicismo.

(2) Por falta de espaço retiramos a chronica de Hespanha e o final da de Italia.



—Vou castigar severamente o culpado; um crime desses no nosso hospital! O que dirão os nossos ir...!

—Mas, snr. Director, trata-se do snr. Dr. X.

—Não é possível; o dr. X. é francamente um livre pensador.

—Pois leia e caia das nuvens, como eu.

Leu o director a receita, meditabundo: «Ao n.º 7 (colica de chumbo) porção de agua benedicta de hora em hora».

—Estou varado! Que loucura! Se isto chega ao fardo dos periodicos!... Vou dar parte ao Director geral.

Fez o communicado e esperou a resposta. O inferno ia se torcendo como uma giboia entre chammas, porque a enfermeira livre pensadora não se atrevia dar-lhe a sopposta *agua benta*, coisa que lhe cheirava a sacristia de jesuitas.

Entretanto o Director do hospital, não acreditando no desatino do medico, que tinha como legitimo da sua raça, abre um dictionario de medicina e vê que a *agua benedicta*, não era a agua benta das egrejas, mas uma agua laxativa.

—Com quatro centos milheiros! O que dirá o Director geral quando lêr o meu communicado!...

E corou de vergonha.

De agua benta necessitava a enfermeira e o Director para lhe acalmar o furor diabolico.

E' tambem curioso o seguinte.

Aqui atrazado um official do exercito francês, quiz, como qualquer pessoa amiga de viajar ir até á Terra Santa e solicitou a devida dispensa. Pois foi o bastante para ser tomado por suspeito.

Foi chamado ao Ministerio da Guerra, e só depois de declarar que o fim da sua viagem era meramente recreativo e nada tinha que ver com a religião, é que lhe deram o passaporte com a clausula:

—Para uma viagem á Turquia.

Este furor sem limites nem senso, tem provocado o desdem até dos anticlericaes declarados.

O famosissimo director—anti-clerical do *Intransigeant* aprecia nestes termos a obra de Combes:

«Não sou catholico, nem faço parte de religião alguma, mas não comprehendendo como se devam obrigar os outros a seguir o meu exemplo ou pela religião catholica ser do agrado do povo porque é que elle a não hade praticar tranquilamente.»

O snr. Rochefort não comprehende porque suppõe que na França ha republica e ideias genuinamente republicanas: defeza das liberdades dos cidadãos; mas engana-se. O que ha na França é a maçonaria com suas ideias: monopolisação do ensino e de todas as funcções do Estado em seu favor, exclusão do clero da politica, intrusão da politica nos negocios ecclesiasticos, de consciencia e liberdade individual, amparo a todas as seitas e perseguição á religião catholica, liberdade de associação menos para os catholicos. Isto é o que é a actual Republica Franceza.

E isto é o que seremos nós um dia se portuguezes e catholicos não despertarem.

A maçonaria tem feito em França tudo quanto quer, porque desde o presidente da Republica até ao ultimo funcionario publico, tudo está maçonizado. Por isso os clamores dos

francezes, do povo, contra as tyrannias do governo, foram improficuas porque este tinha a faca e o queijo na mão.

Se não queremos que por cá aconteça o mesmo, vejamos a quem damos o nosso voto vejamos os catholicos portuguezes a quem poem á testa da nação.

Deixem que a maçonaria entre em todos os cargos publicos, deixem que tome a faca e o queijo e depois assubiem-lhe.

Muito se tem feito nestes ultimos tres annos, mas *dormiunt multi*; muitos ainda resonam em leitos politicos, bem pouco catholicos, sem despertarem aos impurros da consciencia que de certo os terá mordido muitas vezes.

Pois catholicos, protestantes em politica, seguir a voz da consciencia é a regra pratica de salvação eterna.

Querem-no vêr? Meditem o que se passou aqui ha dias com um catholico d'estes, ás portas do paraizo.

Bateu ao gradão o nosso catholico cabibaixo, volteando nas mãos tremulas duas folhas de papel com muitas contas.

Passados curtos instantes, rodava o gradão sobre as rodas e apparecia a magestosa e calva frente de S. Pedro.

—Olá! Já te chegou a vez? Então que quer o senhor?

—Eu, Senhor S. Pedro desejava, pois que havia de desejar... entrar.

—O passaporte? Não traz recommendação lá de baixo, da Igreja militante?

—Vem aqui, Senhor.

E entregou-lhe, tremulo como um vime, um dos papeis. S. Pedro lançou lhe os olhos e depois com cenho ameaçador.

—Então você, um homem politico deste jaez, que fez as macaquices que quiz á Egreja Santa, quer entrar aqui?

—Mas Snr. S. Pedro se esse não vale trago aqui outro!

E dava-lhe o outro papel.

—S. Pedro leu.

O papel apontava communhões e confissões e esmolas.

S. Pedro admirado, como fóra de si.

—Sanctus! Sanctus! Sanctus!... Este homem a commungar!...

E fez pausa. Entretanto o nosso catholico de cerebro e coração:

—E' verdade que eu como politico... mas como catholico em particular...

S. Pedro decidido e agastado.

—Sim, sim; como politico fez o que o demo quiz como catholico benzeu-se com agua benta uma vez ou outra. Pois então resolvemos assim: como o peso politico é maior no meu amigo que o catholico vae para o inferno como politico e quando ao seu catholicismo particular fallamos na primeira oportunidade.

E deu-lhe com o portão na cara.

Dizem os videntes que casos d'estes são muito frequentes á porta do ceu.

Pelo menos assim o ouço dizer e nestes negocios é bom andarmos pelo seguro.

Tal o julga tambem o importuno

CHRONISTA DA VOZ.

Pequena Bibliotheca da «Voz de Santo Antonio»

- 1) *Estatutos da Pia União de Santo Antonio* 10 reis
- 2) *Angustias do Coração de Maria*... 100 »

3) <i>A Grandiosa Obra de Santo Antonio.</i>	50 »
4) <i>Doutrina Maçónica.....</i>	200 »
5) <i>Collecção de canticos religiosos, escolhidos para a Novena e Vesperas de N. S. da Immaculada Conceição.</i>	400 »
6) <i>Hosanna Patriarcha, a Sua Exc.^a Rev.^{ma} o Svr. D. Antonio, Arcebispo de Góá.....</i>	300 »
7) <i>Almanach de Santo Antonio para 1903 (illustrado) br.</i>	250 »
8) <i>Collecção completa das tres primeiras series da «Voz de Santo Antonio», encadernação de luxo, abatimento de 20 %.....</i>	7:500 »
9) <i>Cada uma das series (2 annos)....</i>	2:500 »
10) <i>Monte de Myrrha e Outeiro de Incenso, consagrado á Virgem SS. e Mãe Dolorosissima por um missionario seu devoto,—obra recommendada, approvada e indulgenciada pelos Ex.^{mos} Snrs. Arcebispo Primaz e Bispo do Porto,—brochado.....</i>	60 »
	100 »
11) <i>Devotas Aspirações d'uma alma ao seu Jesus — Pelo mesmo auctor do Monte de Myrrha e outeiro de Incenso, com approvação do Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Svr. Arcebispo de Mitylene, br.....</i>	50 »

12) *O Livro dos Terceiros Franciscanos, (no Prélo) por um membro da Redacção da Voz de Santo Antonio—E' um tomo de 500 paginas em 8.º nitidamente impresso em magnifico papel, illustrado com muitas gravuras algumas das quaes em papel especial.*

Como o indica o titulo, este livro é por excellencia—o livro dos Irmãos Terceiros. Em quatorze praticas expõe longamente as obrigações e espirito da regra da *Ordem Terceira de S. Francisco.*

As pessoas piedosas que não pertencem á *Ordem Terceira* muito aproveitarão com a sua leitura visto expor-se ali os conselhos evangelicos que constituem a perfeição christan segundo o espirito serafico: *O amor de Deus e meios de o praticar: Oração e presença de Deus, a caridade e seus respectivos graus e defeitos contrarios, a penitencia christan, mortificação interna e externa; indulgencias o que sejam e como se ganham, o luxo e más leituras, etc.*

Em appendice contem—*Pequena novena de S. Francisco e de Santa Isabel de Hungria* e orações para os principaes actos da vida christan.

Preço:—brochado em papel oceanica com lindo frontespicio, incluindo o porte do correio, 500 réis.

PIA OBRA DOS SELLOS USADOS

D'um bondoso anonymo do Japão temos recebido algumas cartas contendo sellos usados

d'aquelle paiz enviando-nos ainda ultimamente uma bella collecção.

Agradecemos e Santo Antonio recompensará a sua generosidade.

Tambem da exc.^{ma} familia do nosso presado correspondente Antonio de Carvalho Alua, Horta (Fayal) recebemos uma caixa com sellos que igualmente agradecemos.

A Redacção.

AVISO

Prevenimos os nossos presados assignantes que não satisfizeram a sua assignatura do anno findo como d'outros em atraso, na cobrança a que procederemos no principio do anno corrente, que vamos novamente enviar os recibos para as respectivas sedes de correios, esperando que lhes darão o melhor acolhimento. Do contrario mais prejudicada fica a humilde Empresa da *«VOZ DE SANTO ANTONIO»* com as repetidas despezas de cobrança e por isso somos forcados, ainda que bastante contra a nossa vontade, a suspender-lhes a remessa da revista.

Nas terras em que temos correspondentes queiram os nossos bons assignantes reclamar os recibos na residencia d'estes senhores, ou satisfazerem logo que lhes seja apresentado, para podermos regularisar as nossas contas.

Aproveitamos tambem a occasião de mais uma vez lembrarmos aos snrs. correspondentes e assignantes que quando tenham a enviar qualquer importancia se dirijam directamente ao muito digno Thesoureiro da *«VOZ DE SANTO ANTONIO»*—D. José de Souza Gomes—Praça Municipal, BRAGA.

SUMMARIO DE REGISTO PAROCHIAL

POR

Antonio José Lopes da Luz

(Vigario de Cardelaria — Ponta Delgada-Açores)

Pedidos a Monsenhor Elviro dos Santos—Prior de Santa Engracia — LISBOA.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Direcção.—Toda a correspondencia deve ser dirigida unica e exclusivamente ao Rev.^o Padre Director da *«Voz de S. Antonio»*—Braga,

Assignatura.—1\$200 réis por anno, no reino e illhas adjacentes, para os demais paizes accresce o importe do correio.